

M W A N G O L É

Nº 5 • MAIO | JUNHO | JULHO 2007

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

www.embaixadadeangola.org

EDIÇÃO SERVIÇO DE IMPRENSA DA EMBAIXADA DE ANGOLA EM PORTUGAL

ANGOLANOS QUE REGRESSAM

"Vidas a Preto e Branco"
de **Oscar Gil**
"3 em 1"
em Luanda

Pág.4/5



Nova rede de supermercados
"NOSSOSUPER"

Pág.9

Comemoração do Dia da Paz e Dia de África em Portugal



Pág.7/12

Angola na 52ª Bienal de Veneza



Pág.12

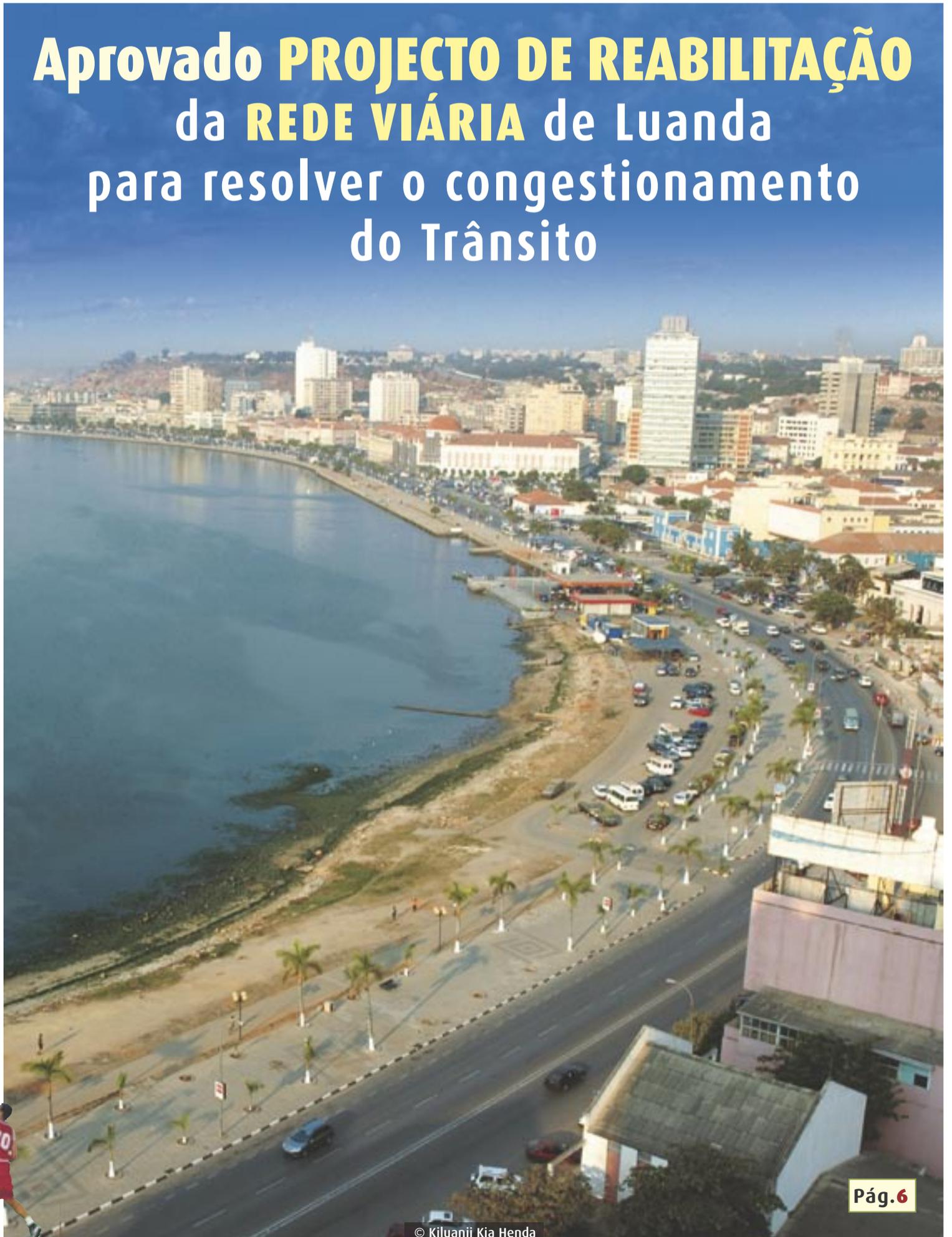
Afrobasket 2007

Tudo a postos para o arranque



Pág.15

Aprovado PROJECTO DE REABILITAÇÃO da REDE VIÁRIA de Luanda para resolver o congestionamento do Trânsito



Pág.6

© Kiluanji Kia Henda

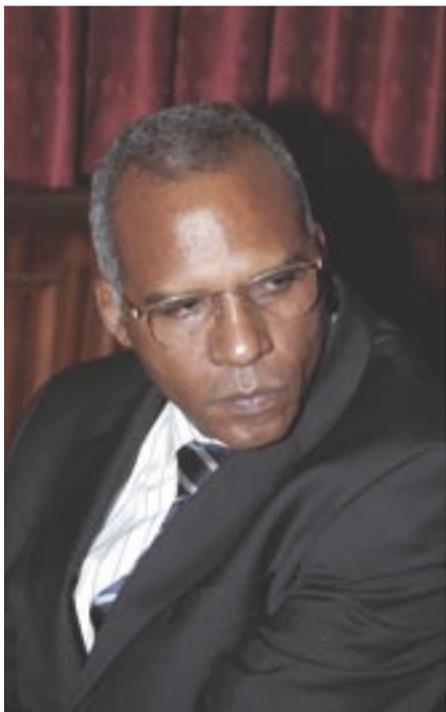
Eleições mais próximas

Governo dá mais 90 dias ao registo eleitoral

Por: Paulo de Jesus em Luanda

O processo de consolidação da democracia em Angola continua a dar os seus passos. Como se depreende do balanço actual da campanha de registo eleitoral, desde 15 de Novembro do ano passado a 15 de Setembro do corrente, data do término da segunda fase. Aproximadamente cinco milhões de cidadãos têm já o seu cartão de eleitor, porém, poder-se-á atingir os sete milhões de votantes previstos, depois de, recentemente, o Governo angolano ter prolongado o registo eleitoral para mais 90 dias. O Executivo, que decidiu ainda pela não realização do registo no exterior do país, garante que o prolongamento não comprometerá a realização das eleições legislativas e presidenciais, em 2008 e 2009, respectivamente.

A decisão do Conselho de Ministros em prolongar o registo eleitoral, segundo o coordenador da Comissão Interministerial para o Processo Eleitoral (CIPE), Virgílio de Fontes Pereira, teve como fundamento as recomendações favoráveis da Comissão Nacional Eleitoral (CNE) e as declarações no mesmo sentido na parte partidos políticos, representantes da sociedade civil, igrejas, organizações não-governamentais e associações profissionais.



Presidente da Comissão Nacional Eleitoral, Caetano de Sousa

Em consequência da prorrogação, a fase normal do registo eleitoral termina no dia 15 de Setembro próximo (e não a 15 de Junho, como inicialmente previsto), com objectivo de abranger o maior número de cidadãos nacionais com capacidade eleitoral activa. Estiveram na base desta medida, razões de natureza técnica ligadas à inacessibilidade de algumas áreas do país, o que concorreu para "uma certa desorganização e pressão em relação a organização logística e administrativa do processo de registo eleitoral". A decisão do Governo teve ainda como fundamento a necessidade de garantir que o processo de registo eleitoral seja "de inclusão e de coesão social", em que todos os cidadãos nacionais em condições de poderem se registar possam fazê-lo. Esta decisão, por sua vez, acaba com o receio de alguns partidos políticos nacionais afecto ao Conse-



lho Político da Oposição (CPO), que temiam que milhões de angolanos poderiam ficar de fora das eleições presidencial e legislativa, se o Governo não prolongasse o programa de registo eleitoral. Representado por cerca de doze partidos, o CPO afirmava que menos de metade dos oito milhões de cidadãos aptos a votar foram registados desde o final do ano passado, mas que seria impossível às autoridades registarem muitos eleitores, uma vez que vivem em zonas de difícil acesso. O CPO havia afirmado que não havia conseguido fazer o seu trabalho em várias partes de Cabinda e em outras províncias, devido às más condições das estradas e às chuvas intensas ocorridas. Sobre o processo de registo eleitoral, o Governo, na voz de Fontes Pereira, considera-o positivo, não tanto pela qualidade ou pelo número de

pessoas registadas, mas, principalmente, pelo facto de ter surgido aquilo a que chamou um "novo estado de alma" no seio dos cidadãos, com uma participação mais visível de mulheres e jovens no registo eleitoral. O reforço do número de brigadas permitiu acelerar o registo, acompanhado por seis mil fiscais credenciados pelos partidos políticos. Estes e os respectivos brigadistas voluntários tiveram que enfrentar dificuldades relacionadas com as áreas minadas, a chuva e com as condições das vias de acesso aos mais remotos quimbos do país, naquilo que se traduz na firme determinação dos angolanos em participar num conjunto de tarefas, indispensáveis ao pleno exercício da democracia. Contudo, é assente que muito está ainda por fazer, embora sejam contagiante e mobilizadora a confiança com que está a decorrer o registo

e a abordagem das questões relacionadas com as eleições, o que garante, em grande medida, o êxito deste desafio nacional, que passa por dar cumprimento à deliberação do Presidente angolano, José Eduardo dos Santos, que instou, durante a mensagem de Ano Novo, às instituições competentes a cumprirem todas as etapas para a conclusão do registo eleitoral e a educação cívica dos eleitores, visando a realização das eleições legislativas em 2008 e as presidenciais, no ano seguinte (2009). A realização das eleições, em separado, foi tomada a 20 de Dezembro, durante uma reunião do Conselho da República, órgão de consulta do chefe de Estado de que fazem parte o presidente da Assembleia Nacional, o Primeiro-ministro, o Procurador-Geral da República, líderes dos partidos políticos e personalidades da sociedade civil. Para José Eduardo dos Santos, o êxito da primeira fase do registo eleitoral, realizado entre 15 de Novembro e 15 de Dezembro de 2006, que permitiu recensear 945 mil e 451 cidadãos, é a "demonstração de que os angolanos estão mobilizados e empenhados em contribuir para a normalização completa da vida social e política". A promessa feita, foi a de que, por um lado, o Governo continuaria a dar passos firmes para "consolidar as instituições democráticas e os mecanismos capazes de promover o diálogo construtivo e a participação de todas as forças actuantes da sociedade no processo de reconstrução e desenvolvimento" e, por outro - relativamente à estabilidade do país - garantirá e manterá "a ordem, a segurança, a tolerância política e a harmonia social, reforçando o combate à criminalidade e, em particular, à delinquência juvenil e infantil".

MWANGOLÉ

Arquivo ACÉtnia - Cultura e Desenvolvimento
Projecto: África - Brasil - África
Fotos de Christian Knepper e Ricardo Teles



O futuro é das crianças

Como vão os partidos políticos?



Se o processo de registo eleitoral decorre a bom termo, levando os angolanos, desta vez, a acreditarem um pouco mais na sua irreversibilidade, entre os partidos políticos nem tudo corre tão bem, sobretudo para aqueles que ainda procuram afirmar-se no território nacional.

Tirando os três partidos históricos (MPLA, UNITA e FNLA), que se encontram naturalmente em todo o país, partidos há, inclusive alguns com assento no Parlamento, que terão “problemas” em atingir e conquistar o interior nas eleições legislativa e presidencial. São os casos do PRS, curiosamente a terceira força mais votada nas únicas eleições gerais de 1992, e que ficou à frente da FNLA, assim como o PLD, o PRD, o PAJOCA, o PDP-ANA, PNDA, AD-Coligação e o PSD, partidos que conseguiram assentos na Assembleia Nacional. Estes e os outros que concorreram

às eleições de 1992 (PAI, PDLA, PSDA, CNDA, PDA e PRA), encontram-se fragilizados em termos de abrangência e representatividade em todo o país. Se em 1992 havia apenas 18 partidos, o número hoje atinge mais de uma centena, sendo que maior parte existe apenas “para sugar os cofres do Estado”, como referia uma das edições do Semanário Angolense. Este jornal, lançou igualmente aos angolanos um desafio: Não será hora de se travar o fenómeno de “congolização” face à “praga de gafanhotos com que se confronta o sistema partidário angolano?”. Partindo de dados do Conselho Nacional Eleitoral (CNE), avançou-se que o número de partidos chamados para os trabalhos de acompanhamento e fiscalização do registo eleitoral é de 126, o que pressupõe a necessidade de aplicação de uma política bem redutora, pois, escrevia o Semanário, “Se as

autoridades não instituírem um mecanismo que trave a sua progressão, os partidos políticos ultrapassarão as duas centenas, provocando assim, literalmente a *congolização* do sistema político-eleitoral nacional. Contudo, há opiniões que falam da impraticabilidade de medidas administrativas (antigo bastonário da Ordem dos Advogados de Angola, Raul Araújo) e da inviabilidade das decisões serem tomadas apenas e só por um grupo, segundo o activista para os Direitos Humanos, Fernando Macedo. O presidente da bancada parlamentar do partido do Galo Negro mostra-se despreocupado com a *co-gumelização* de partidos em Angola. Para Alcides Sakala, as eleições resolveriam o problema. Por outras palavras, as eleições irão mostrar “quem é quem”, declarou.

Ainda a necessidade de uma maior presença feminina

Os partidos políticos concorrentes às próximas eleições legislativas deverão ter nas suas listas um número mínimo de 30 por cento de mulheres em condições de serem eleitas, decisão esta já tomada a nível parlamentar pela maior representação feminina, com efeito, desde o mês de Março último, ao lançar-se uma vasta campanha de esclarecimento e sensibilização dirigido ao sector feminino da sociedade angolana, convidá-lo a participar mais, tendo em conta a presente necessidade do registo eleitoral.

Entende-se que só na posse do cartão de eleitor, as mulheres poderão escolher o melhor para o seu futuro. Na abordagem que se faz sobre a questão; sublinha-se que a parceria entre homens e mulheres ainda



Coordenador da CIPE e Ministro da Administração do Território, Virgílio Fontes Pereira

é “muito lenta e inaceitável”, comparativamente a países como Moçambique, Cabo Verde, África do Sul e Namíbia. Cohen disse que a OMA, está preocupada com a fraca presença de mulheres nos órgãos de decisão de poder.

MWANGOLÉ



Foto de Sudika Santos

Angolanos que regressam com

“Vidas a Preto e Branco” de Óscar Gil

Por: Paulo de Jesus em Luanda
Fotos: RICMIDIA

Depois de realizar “Caminhos Cruzados”, uma mini-série de ficção pedagógica dirigida às populações que vivem em zonas de risco de contaminação do vírus HIV/Sida, o produtor angolano Óscar Gil, acaba de gravar mais uma produção, a telenovela “Vidas a Preto Branco”, que será em breve uma das atracções na nova grelha de programação da Televisão Pública de Angola (TPA). Com um elenco diversificado, a mini-série nacional, também exibida em canais televisivos internacionais da Rádio e Televisão Portuguesa (RTP), é composta por dez capítulos, com duração de 25 minutos cada. Óscar Gil, relata a vida de uma arquitecta infectada pelo vírus de HIV/SIDA, que sofre a discriminação da sociedade, familiares e amigos.



Devemos respeitar os laços históricos, mas cuidar de nós, de gostarmos de nós mesmos

Não tem sido fácil manter a produção nacional?

A rodagem desta mini série, suspensa por dois anos, devido à falta de financiamento, foi um contratempo. De apoios nem falar. Nós apercebemo-nos, perfeitamente, que o Ministério da Cultura tem graves problemas financeiros. Sabemos também que a nível do Orçamento Geral do Estado (OGE) há outras prioridades: construção de pontes, hospitais, escolas, entre outras, num país vindo de uma guerra destruidora.

Apesar, desses problemas, apelamos para que se comece a apoiar um pouco mais substancialmente a Cultura, no quadro do próprio OGE, porque a Cultura é a identidade de um povo. Se não tivermos identidade própria, poderemos ser considerados, aculturados.

Na TPA, notamos que nestes tempos de globalização, somos constantemente bombardeados com conteúdos doutras televisões, nomeadamente as telenovelas brasileiras, mexicanas, venezuelanas e portuguesas. Se não cuidarmos das nossas telenovelas, em que abordamos os nossos problemas, a cultura da nossa gente, qualquer dia gostamos mais dos estrangeiros do que a nós mesmos.

A alegada falta de qualidade da produção nacional, se calhar só se coloca por haver pouca oportunidade para as produtoras...

Este problema era fantasma levantado para justificar uma série de coisas que não nos dizem respeito. É evidente que temos algumas lacunas, mas só trabalhando é que se poderá ultrapassá-las. Se não temos escolas

de actores e de técnicos, como é que vamos ultrapassar as nossas insuficiências. Só com trabalho, errando e corrigindo, tal como os outros fizeram no passado.

Se virmos as primeiras telenovelas brasileiras, venezuelanas, portuguesas, não têm a mesma qualidade de hoje, passados quarenta anos. Eles conseguiram dar a volta porque investiram nas suas produtoras.

É irreversível. E digo mais: a nossa gente gosta de apreciar aquilo que é nosso. Citando, o actual vice-ministro da Cultura, André Mingas, “o que é nacional é bom e nós gostamos”. Também gosto das nossas coisas, do que é nacional.

Acha que dando apoio à produção é possível diminuir o espaço das telenovelas estrangeiras que “invadem” a TPA?

Sem dúvida. Temos o exemplo de Portugal, onde as novelas nacionais já ocupam os primeiros lugares de audiência, porque as pessoas se identificam e gostam do nacional. Não seja interpretado como xenofobia, mas o que interessa ao povo angolano os problemas que se passam no Brasil, que nem têm nada a ver com a nossa realidade?

E, infelizmente, só há uma coisa que sempre mostram: o negro é sempre ou o escravo ou criado. Isso é história, e não a podemos esconder. Mas tem uma carga pejorativa que em nada se coaduna connosco. Pouco importam os problemas deles. O que importa é que temos que mostrar os nossos próprios problemas, que são muitos. Saímos de uma guerra, grande parte da população é de origem rural, não tem enquadramento no

casco urbano e há uma série de conflitos. Luanda, por exemplo, está cheia de conflitos. É preciso, que o apoio da TPA, porque a televisão entra em nossas casas sem pedir licença, deve jogar um papel que vise moralizar e corrigir comportamentos, passar mensagens positivas em relação aos problemas que nos afligem. Portanto, que se incentive mais e mais a produção nacional. Como gosto de sonhar, estou a planificar novelas de mais de cem episódios. Sonhar ainda não paga impostos, vou continuar. Queremos, que todas as nossas novelas sejam didácticas, e transmitam mensagens positivas. Não é só entretenimento e abanar a bunda. É levar uma mensagem válida.

Mas essa mudança que se pretende para a produção nacional levará o seu tempo ou acha que pode ser repentina?

É evidente, mas só trabalhando. Só assim começaremos a inverter o quadro e depende muito das vontades políticas. Isso já não passa por nós. Queremos trabalhar e já mostrámos que somos capazes. Paulatinamente, vamos fazendo as coisas. Só trabalhando cada vez mais, vamos formando e superando os actores e os técnicos. Continuo a defender o que é nosso e não é crime nenhum. Todo o angolano deve defender a sua pátria e ter orgulho de tal, contribuindo com o seu saber, para que Angola seja um grande país no contexto das nações.

Acha que a nova direcção na TPA poderá ajudar para a inversão do quadro?

Todas mudanças são sempre boas. Sabe que o tempo nos torna viciados? Temos que encarar as mudanças com naturalidade. Não podem haver lugares vitalícios. A nova direcção demonstra que há vontade de trabalhar com as produtoras, o que é

muito bom, já há visitas às produtoras, coisa que nunca aconteceu, porque a TPA (como televisão do Estado) tem que nos ver como parceiros e não como concorrentes. É assim em qualquer parte do mundo. Quem pensar que as produtoras privadas são concorrentes da TPA, é um mau gestor da coisa pública.

Diz-se que é mais barato comprar telenovelas estrangeiras do que produzir localmente, mesmo tendo patrocínios de grandes empresas, como a Sonangol. Então, a pergunta é esta: porque é que a Sonangol não patrocina as produtoras nacionais?

É preciso cada vez mais incentivarmos a produção nacional. O dinheiro com que se compram telenovelas estrangeiras, dava para muita coisa. Dizem que fica mais barato, por causa da publicidade, mas não nos esqueçamos que estamos a comprar um produto envenenado. É um produto que não nos diz respeito e vem-nos colonizar culturalmente.

A solução, é mesmo trabalharmos com a nossa gente, mostrarmos as nossas cidades, as nossas vilas, os nossos problemas, passar a nossa mensagem, porque as realidades do Brasil, da Venezuela, de Portugal ou do México, não as nossas. São coisas que não nos dizem nada. Podemos ter simpatia com os outros, mas devemos gostar de nós mesmos. Neste momento, temos que criar mecanismos para o conseguirmos. As empresas patrocinadoras devem apoiar as empresas nacionais. As produtoras estrangeiras têm 50 a 70 por cento de espaço, vamos lutar para inverter essa tendência. Actualmente, a produção nacional na TPA ronda os 20/30 por cento. Em especial agora que TPA entrou agora na DSTV. É preciso que mostremos ao mundo que Angola está a caminhar.



Quem pensar que as produtoras privadas são concorrentes da TPA, é um mau gestor da coisa pública

Sucesso

“3 em 1” em Luanda



Biografia



Nascido a 1 de Junho de 1952, Óscar Gil Rodolfo do Amaral Pereira, passou uma boa parte da sua vida profissional em terras lusas. Com um curso de cinema “cameraman” em WDR (West Deutsch Rundfunk), feito em 1975, na Alemanha, e uma reciclagem com técnicos franceses na TPA em 1976, Óscar Gil trabalhou como “cameraman” para a Rádio Televisão Portuguesa.

Participou em telenovelas portuguesas de grande sucesso transmitidas em horário nobre pela RTP 1, RTP Internacional e RTP-África, designadamente “Palavras Cruzadas”, “Passerelle”, “Banqueira do Povo”, “Na paz dos Anjos”, “Roseira Brava”, “Desencontros”, “Filhos do Vento”, “Lobos”, bem como em algumas séries de grande projecção internacional, como “Gente Remota”, de Carlos Brandão Lucas.

É um “mwangolé”, que além da língua portuguesa, também domina o inglês e o nyaneka (língua nacional falada no Sul de Angola), foi repórter de guerra em 1976, nas frentes Norte, Centro e Sul, donde reportou a prisão de mercenários e a saída do país do então exército racista sul-africano, a 27 de Março de 1986. Acompanhou digressões do primeiro Presidente angolano, António Agostinho Neto, até o perecimento físico do “Ngola Kimbanda”, em 1979.

Em 1978, foi delegado da TPA na Huíla, Namibe e Cunene, onde continuou como repórter de guerra, cobrindo vários combates e massacres dos soldados sul-africanos na Huíla e no Cunene, quando ele próprio nem ainda imaginava criar, em 1999, a “sua” Óscar Gil Produções, vocacionada para a realização de documentários etnográficos, culturais, turísticos, programas de ficção (cinema, tele-histórias, telefilmes e telenovelas), produção e realização de spots publicitários e campanhas publicitárias institucionais, entre outras.

Além de documentários institucionais, realizou a mini-série “Caminhos Cruzados”, em 2003, tendo produzido e realizado “Vidas a Preto e Branco” em 2006. É com emoção que cita ao nosso jornal nomes de realizadores com quem trabalhou, como Nuno Teixeira, Fernando Ávila, Jaime Campos, Herlander Peyroteu (Portugal) Walter Avancini (Brasil) Álvaro Fugolim e Regis Cardoso.

P. J.



Carla Rocha Santos, Gestora de Produção do restaurante “3 em 1”

Um dos sectores em grande crescimento em Angola é a da restauração e hotelaria. O “3 em 1” é mais um entre vários empreendimentos novos que enfeitam Luanda. Este estabelecimento situado na Rua Marien Ngouabi 194/196, oferece aos seus clientes um complemento de serviços que vão da pasteleria e padaria à cozinha, conta com os serviços de uma angolana que ao fim de 20 anos, regressou ao seu país como diz «com o intuito de apoiar um negócio de família». Apesar de trabalhar aos domingos e de se dedicar de corpo e alma ao trabalho mesmo em dias de lazer, a cozinheira Carla Alexandra Rocha Santos, aceitou num domingo estar umas horas na praia para a conversa com o nosso jornal.

Pegar um *take away* no “3 em 1”, quando não há tempo para se confeccionar um almoço ou jantar, já é uma rotina para muitos e alguns não se privam de trocar um pouco de conversa com a simpática gestora de produção que nessa loja faz as honras da casa.

Carla conquista e cuida da sua clientela sem se poupar a esforços. Afinal, é para lá que se dirigem muitos luandenses a fim de tomar um pequeno almoço de passagem para o trabalho, p’ra lanchar ao fim de um dia de trabalho, ou ainda para levar uma das suas especialidades: Os cestos de pequeno almoço.

Nesse estabelecimento podemos encomendar sobremesas para depois de um jantar, e também pasteleria variada para as festinhas de família. Carla é daquelas pessoas que põe a mão na massa para retribuir a confiança dos clientes e não deixa os seus créditos por mãos alheias.

«Em datas comemorativas fazemos pratos ornamentados, inclusive as cestas de pão, que são ornamentadas, conforme o gosto

do cliente. Colaboramos com empresas de fornecimento de *cathering*, primamos pela qualidade, higiene e requinte. Queremos ser aceites por uma maioria da população angolana, sendo um local, agradável e tranquilo, onde os clientes apreciem as nossas especialidades, sem o menor receio em relação às condições de higiene e outras»

Com uma formação em hotelaria e restauração mais especificamente em cozinha e pasteleria Carla Alexandra domina a área em que se movimenta, há quase 20 anos. Teve momentos altos em Portugal onde sempre trabalhou ao lado de grandes profissionais e com marcas de prestígio como a Knorr. A formação é uma constante na sua carreira, mas, opina: «É preciso que tenhamos oportunidades para aplicar os conhecimentos adquiridos».



Carla Rocha respondendo as questões da repórter Ximene Fragata

Estudou em escolas de cozinha internacionalmente reconhecidas, fez parte de equipas que representaram a cozinha portuguesa no estrangeiro e participou em inúmeros concursos internacionais como o “Toque d’Or” e “Olimpíadas de Culinária”. Obteve várias medalhas, mas não se enaideceu porque um dos seus lemas de vida é «ser humilde e aprender sempre». E explica «Quando cheguei a Portugal tentei aprender tudo que podia e isso é muito importante em hoteleira. Devemos ser humildes porque a vaidade impede-nos de evoluir. Foi assim que fui ganhando as minhas oportunidades».

Ela sublinha igualmente o quanto se apurou para acompanhar, como ajudante de cozinha, profissionais de reconhecido

mérito em Portugal: «Tentei aprender tudo que podia com eles, fazia por me tornar indispensável, até que o meu trabalho foi reconhecido. Também segui o conselho de um colega que me dizia para ganhar o máximo de experiência antes de vir para Angola».

A formação marcou o início da sua carreira; deu aulas para o Centro Escolar Turístico e Hoteleiro do Estoril (BICESSE) – Instituto de formação, médio e superior.

«Noto que é uma das grandes deficiências no mercado da restauração e hotelaria em Angola é a falta de formação, por isso estou cheia de vontade de poder fazer alguma coisa, na medida em que há cada vez mais iniciativas. Vejo com agrado o surgir de restaurantes, pastelarias, hotéis e estou disponível para passar a minha experiência, apoiando diligências que contribuam para a profissionalização no ramo em que trabalho».

Acha que além da formação, falta motivação «dá a impressão que as pessoas trabalham apenas por necessidade de ter um emprego e que não estão motivadas, não o fazem por gostar daquilo que fazem e contudo há pessoas com muita capacidade».

Sobre o mercado de trabalho em Portugal diz «A invasão de mão de obra barata em muitos sectores também ocorreu na restauração e hotelaria e Portugal é um país que vive essencialmente do turismo. O facto do país ter recebido nos últimos anos uma grande vaga de imigrantes do Leste e do Brasil fez com que a procura superasse a oferta e isso resultou na não valorização dos profissionais especializados que, ou se deparam com o desemprego, ou optam por procurar emprego noutras partes do mundo».

Não é fora de Angola que esta *cooker* vê o seu futuro: «Angola é um país com muito para se fazer tenho projectos de carácter empresarial». Confessa que gostaria que a volta à terra lhe permitisse a concretização de um negócio próprio e também o desejo de voltar a dar formação profissional.

A realização de grandes eventos desportivos que terão lugar nos próximos anos como o CAN 2010, e a abertura de muitos hotéis novos são para ela, uma possibilidade, que se deve aproveitar para começar a delinear acções de capacitação dos angolanos «para que não tenhamos que recrutar tantos técnicos estrangeiros».

MWANGOLÉ



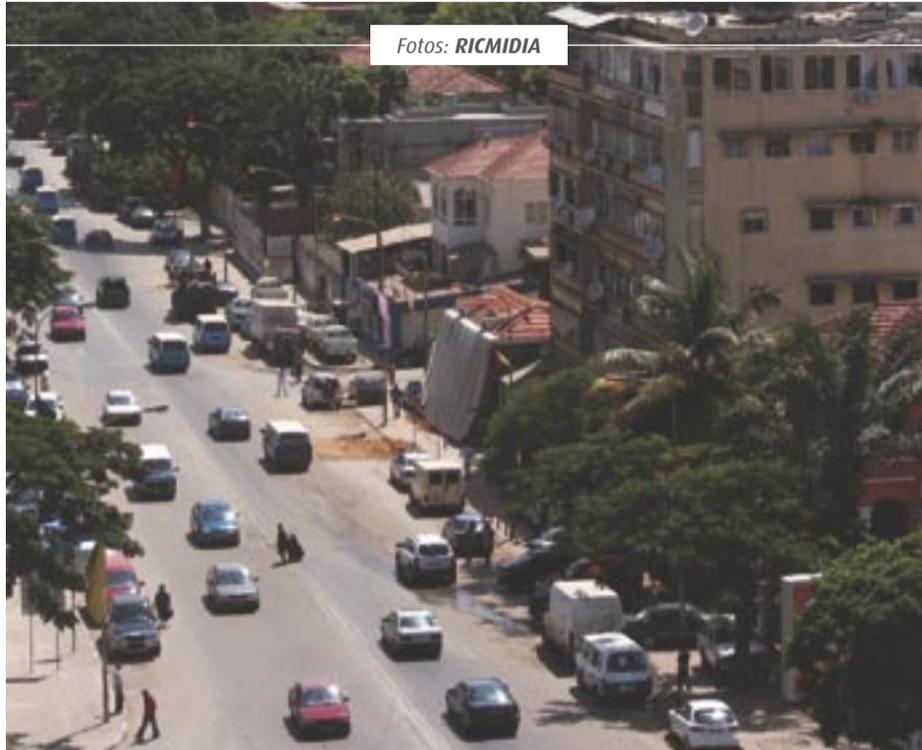
Sempre tive humildade para aprender com aqueles que me poderiam ensinar



A vaidade impede-nos de evoluir

Dentro de 12 a 18 meses Estradas de Luanda com nova roupagem

Num programa bastante esperado e que poderá dar um novo alento à circulação rodoviária diminuindo os problemas do congestionamento do trânsito na capital angolana, o governo aprovou recentemente em Conselho de Ministros um projecto de reabilitação da rede viária de Luanda, no quadro do Programa de Investimentos Públicos (PIP). Com valor global equivalente a um bilião de dólares. As obras deverão ocorrer num período entre 12 a 18 meses.



Fotos: RICMIDIA

No âmbito do programa de reabilitação das ruas estruturantes da cidade de Luanda, serão contempladas as vias Viana/Calumbo; estrada do Golfe/Viana e a Rua do Sanatório. A quarta, quinta e sexta Avenidas; a Avenida Ngola Kiluange (estrada da Cuca); a via Boavista-Tungangó-Estrada de Catete; via expresso Luanda-Kifangondo; troço Cacuaco/Viana, e as estradas Viana-Kicuxi e Viana/Cabolombo, serão igualmente reabilitadas.

A consulta, levada a cabo para adjudicação das empreitadas, foi limitada à participação

de empresas de direito brasileiro, em virtude das obras serem financiadas pela linha de crédito do Brasil.

Foram celebrados contratos de empreitada por série de preços, com as empresas brasileiras Queiroz Galvão, Andrade Gutierrez, Empresa Sul-africana de Montagem (ENSA), Norberto Odebrecht, Camargo Correia, estando neles contemplados o fornecimento dos materiais a aplicar na obra.

O programa, integra ainda, a criação de vias alternativas ao tráfego urbano e periurbano, assim como outros troços cujos

contratos de execução das obras já foram aprovados pelo Conselho de Ministros.

De acordo com o director do Instituto de Estradas de Angola (INEA), Joaquim Sebastião, a descrição do projecto compreende as estruturas, drenagem, iluminação pública, levantamentos topográficos, travessias áreas e pedonais, entre outros.

A integração destas obras no quadro do programa de reabilitação das ruas estruturantes da cidade de Luanda, enquadram-se num conjunto de acções visando não só a melhoria da circulação do tráfego, mas também a criação de melhores condições de vida para as populações dos bairros abrangidos.

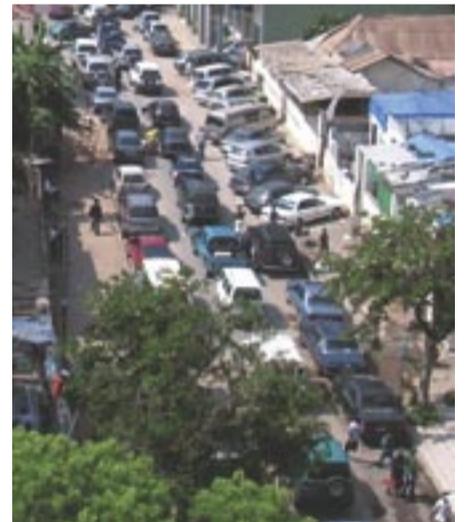
Para o responsável do INEA, os constantes congestionamentos do trânsito urbano e interurbano, e a situação provocada pelas últimas chuvas que caíram sobre a capital do país com consequências graves, levaram à tomada desta decisão. O programa baseia-se num estudo elaborado em 1997, denominado Plano de Gestão de Crescimento Urbano de Luanda, liderado pelo governo da província de Luanda, através de um financiamento do Banco Mundial.

Cumprimento de prazos e da qualidade

Recentemente, o ministro das Obras Públicas Higinio Carneiro, recomendou a urgência e o cumprimento escrupuloso dos prazos de execução das obras de reabilitação das vias rodoviárias degradadas de Luanda, adjudicadas a cinco empresas brasileiras.

Em conferência de imprensa, no termo do acto de adjudicação das obras entre o Instituto Nacional de Estradas de Angola (INEA) e os empreiteiros brasileiros, realizado no Marco Histórico "4 de Fevereiro", no município do Cazenga, Higinio Carneiro enfatizou a necessidade que as obras terminem nos prazos estabelecidos nos acordos.

"Queremos que nos finais dos prazos previstos estejam concluídas, com qualidade, todas as empreitadas que até agora tratámos de consignar na província de Luanda", disse Higinio Carneiro, que garantiu às empresas envolvidas toda a colaboração do seu executivo para "o controlo e segurança dos trabalhadores e equipamentos", num projecto que vai garantir emprego a cerca de cinco mil trabalhadores, na sua maioria jovens.



Os responsáveis das cinco empreiteiras contratadas, garantiram momentos após a assinatura dos contratos de adjudicação de obras, que 99 por cento dos postos de trabalho directos em diversas áreas, serão para jovens angolanos desempregados.

Assim, o director-geral da empreiteira sul-africana ENSA, Arnaldo Silva, encarregue da reabilitação das estradas que ligam a Boavista/Tunga Ngó/Deolinda Rodrigues, referiu que a empresa deverá empregar entre 500 a 600 trabalhadores, enquanto que a Odebrecht, que vai operar nas estradas entre Viana/Cabo Longo/Chitundo, via expressa Luanda/Kifangondo, Luanda/Viana, Viana/Kicuxi e Gamek/Antigo Controlo, propõe-se criar entre 2 mil a 2 mil e 500 postos de trabalho.

Já a Camargo Correia deverá empregar 400 pessoas na reabilitação da quinta e da sexta Avenida, enquanto a Queiroz Galvão poderá contratar mais de mil trabalhadores, para o troço Viana/Kicuxi, Zamgo/Viana, Gamek/Ngola Kiluamge, Cacuaco/Luanda (periferia).

P.J.



Edificado Centro "Comandante Gika" em Luanda

Dentro de dois anos Luanda terá mais um hotel de cinco estrelas, um complexo habitacional com torres de escritórios e um centro comercial num espaço único, avaliados em cerca de 470 milhões de dólares.

Com 120 mil metros quadrados e um hotel de cinco estrelas (VIP Grand Luanda), duas torres de escritórios denominadas Garden Towers, duas torres habitacionais chamadas Alvalade Residence e um Centro designado Luanda Shopping, as infra-estruturas do "Empreendimento Comandante Gika", localizado no bairro Alvalade, mu-

nício da Maianga, serão erguidas numa área de 307 mil metros quadrados.

Ao lançar a primeira pedra para a construção do Centro, o ministro-adjunto do primeiro-ministro, Aguinaldo Jaime, valorizou o montante a ser investido no projecto (470 milhões de dólares), a parceria privada e o envolvimento de bancos nacionais e estrangeiros.

No local situado na antiga escola de formação militar Comandante Gika, vários membros do governo presenciaram a cerimónia, bem como empresários e entidades da sociedade civil. De acordo com

José Leitão, presidente da assembleia da empresa AFRICON, um dos investidores no projecto, o empreendimento vai gerar 6.500 postos de trabalho.

As obras, estão a cargo da EDIFER e serão fiscalizadas pela Dar al-Handasah. Os investidores consideraram inovador e um "grandioso projecto", que responde ao ritmo de vida cada vez mais cosmopolita dos angolanos. Os parceiros do projecto garantem que o local escolhido para a edificação tem excelentes acessibilidades e vai servir uma população alargada de cerca de cinco milhões de habitantes. MWANGOLÉ

Dia de África

“O renascimento africano é uma tarefa gigantesca e urgente”

Fotos: Rute Matchabe

A capital lusa foi o palco principal do encontro anual da comemoração internacional do Dia de África. No Centro Cultural de Belém (CCB), representantes de vários sectores da sociedade e académicos ligados aos continentes Europeu e Africano reuniram-se num colóquio que serviu para analisar e discutir temas que serão aprofundados na II Cimeira África-Europa a ter lugar no final deste ano.



Embaixador de Angola, Assunção dos Anjos com o Prof. Adriano Moreira, ao centro, e o director do BPI, Hélder de Oliveira

O Colóquio teve como lema “África/Europa: Um Novo Diálogo Perante os Desafios do Futuro”; promovido pelo Grupo Africano de Embaixadores em Lisboa. O evento decorreu na sala Sophia de Mello Breyner do Centro Cultural de Belém (CCB) e foi dividido em quatro painéis: “Questões Culturais” – no qual interviu Jorge Sampaio, na qualidade de Alto Comissário das Nações Unidas para a Aliança das Civilizações –, “Paz e Segurança”, “Integração Regional e Comércio” e “Questões de Desenvolvimento”. O programa incluiu 10 intervenções temáticas.

O início da conferência foi ainda marcado pelas intervenções de Maria Margarida Marques – representante da Comissão Europeia em Portugal, do ministro dos Negócios Estrangeiros português, Luís Amado, do decano dos embaixadores africanos em Lisboa, o diplomata angolano Assunção dos Anjos, que falaram sobre “O Desenvolvimento Sustentável em África e as Relações Afro-europeias”. O discurso do Decano dos Embaixadores credenciados em Lisboa, Assunção dos Anjos, diplomata angolano dominou a abertura do evento.

O responsável do grupo africano de embaixadores, entidade promotora do Colóquio Europa-África, salientou o facto do diálogo afro-europeu ter atingido um nível sem precedentes, e manifestou o desejo de que o diálogo se desenvolva através de eventos do género salientando que as dificuldades existentes tendem a ser ultrapassadas.

«De África, dirão mais coisas novas e o renascimento africano é uma tarefa gigantesca e urgente. África não pode esperar», sublinhou o diplomata, realçando que a comunidade internacional «deve ajudar, embora caiba aos africanos dar o passo em frente».

A elaboração da NEPAD e a criação da União Africana (2002), destacou Assunção dos Anjos, vêm no sentido da vontade dos africanos em mudar as suas políticas para que se siga o trilho do desenvolvimento económico e social.

Por seu turno, a representante da Comissão Europeia em Portugal, Maria Margarida Marques, lamentou que meio século de ajuda ao desenvolvimento em África não tenha tido a devida repercussão, responsabilizando «políticas e políticos» pelo atraso no continente.

«A caridade institucionalizada há muito que deixou de ser solução; o novo modelo de assistência aos países ACP (África, Caraíbas e Pacífico), passa pela criação de acordos de parceria económica (APE) visando criar mercados nesses países», afirmou.

Salientando que a União Europeia é o maior dador para África, a nível mundial, com 56 por cento



Embaixador de Angola, Assunção dos Anjos no momento do seu discurso



Franz Heimer do ISCTE, Prof. Manuel Ennes Ferreira e Prof. João Milando da Universidade de Lisboa

do montante global, Maria Margarida Marques lembrou que em 2006 os 27 países-membros disponibilizaram 48 mil milhões de euros para ajuda pública ao desenvolvimento, o que representa 0,42 por cento do rendimento nacional bruto da UE e é mais de 100 euros por cada cidadão comunitário.

A representante da Comissão Europeia em Portugal adiantou que, até 2010, é intenção dos 27, aumentar em 20 mil milhões de euros a ajuda ao desenvolvimento, atingindo os 0,7 por cento preconizados nos Objectivos do Milénio, assumidos no âmbito das Nações Unidas.

O presidente do IPAD, Manuel Correia, salientou a importância que África tem para Portugal, lembrando que como pano de fundo está a realização da Cimeira, prevista para Novembro, o último mês da presidência portuguesa dos 27, que se inicia já a partir do mês de Julho.

Falando em representação de Luís Amado, chefe da diplomacia portuguesa, Manuel Correia lembrou que os promotores do evento seleccionaram os temas em debate porque todos constituem uma «colagem à agenda da presidência portuguesa» dos 27, em relação a África.

«Já é reconhecido o papel de Portugal na cimeira do Cairo, a disponibilidade de Portugal em acolher a segunda cimeira, as parcerias africanas com as empresas portuguesas e todos nós sabemos o que vai significar a emergência do mercado africano», sustentou.

Restituição de património cultural africano

A restituição dos bens do património cultural de África é um assunto que terá de estar na ordem do dia e ser objecto de especial atenção na próxima II Cimeira África/Europa, prevista para Lisboa.

A defesa deste ponto de vista foi feita pelos mestres Manzambi Vuvu Fernando, catedrático angolano da Universidade do Porto, e Patrícia Barreto, docente na Universidade Lusitana, de Lisboa, no painel, “Questões Culturais”, do colóquio que decorreu na capital portuguesa subordinado ao tema África/Europa: Um Novo Diálogo Perante os Desafios do Futuro”.

A problemática da restituição ou retorno dos bens ligados ao património cultural africano foi abordada na primeira cimeira, realizada em 2000 no Cairo (Egipto), mas não teve sequência devido à “inexistência de políticas concretas” por parte dos dois continentes – Europa e África. Na sua intervenção, sob o tema “A Conservação do Património Cultural Material e as Políticas de Museus em África”, o mestre angolano Manzambi Fernando lamentou a inexistência de condições para a preservação dos bens e de políticas concretas para a sua devolução aos países de origem.

“Entre os dois continentes, houve uma relação de cinco séculos, que gerou um património comum. Mas, não existe nenhuma definição sobre o que é, de facto, o património comum, nem se sabe como se pode mostrar a cultura de um povo no seu próprio país de origem”, afirmou. Sublinhou que terá de haver um diálogo “construtivo”, primeiro para identificar as obras e bens e, depois, para se realizar o processo de “repatriamento”.

“Trata-se de uma questão “muito complexa”, pelo que a comunidade internacional tem de ajudar os países africanos a criar condições para a preservação desses bens”, referiu, acrescentando que Portugal “não faz parte da lista dos maus da fita” e existem projectos em curso que, embora esporádicos, têm permitido, numa primeira fase, a identificação dos bens, nomeadamente da antiga África Portuguesa.

Patrícia Barreto, também directora do Gabinete de Relações Culturais Internacionais do Ministério da Cultura português, salientou que nem tudo depende das autoridades portuguesas e responsabilizou a grande maioria dos Estados africanos pela ausência de políticas de defesa do património cultural, ressaltando porém que a legislação internacional sobre a questão é “manifestamente insuficiente”, pois apenas sete Estados africanos, que não no-

meu, assinaram a Convenção Unis Droit, aprovada em 1995, um dos mecanismos de controlo da legalidade e veracidade de bens patrimoniais.

“Existe um vasto corpo normativo, mas é pouco divulgado e utilizado”, afirmou, apontando, mesmo assim, a existência de casos como as devoluções de bens etíopes que estavam em Itália. “Trata-se de um testemunho civilizacional de um povo e a sua comercialização, ilegal ou legal, impõe que se promova um diálogo entre as partes interessadas”, defendeu.

Nesse sentido, manifestou o desejo de ver a questão debatida “mais a fundo” na II Cimeira UE/África, visando três objectivos “essenciais”, a definição do conceito de património cultural comum, defendendo uma forma de o partilhar, o aprofundar da cooperação técnica, sobretudo no domínio da conservação e preservação, e a projecção do futuro, nomeadamente no que respeita à promoção da diversidade cultural e à respectiva partilha e usufruto”, sustentou.

Diálogo de Civilizações e Desenvolvimento Sustentável

Jorge Sampaio fez uma intervenção subordinada ao tema “África/Europa: Diálogo de Civilizações e Desenvolvimento Sustentável”.

O general Loureiro dos Santos, doutorado em Ciências Militares, fez uma alocução sobre o tema “Paz e Segurança no Diálogo África/Europa”, seguida pela intervenção de David Gakunzi, coordenador do Programa Europa/África do Centro Norte/Sul do Conselho da Europa, que falou sobre “A União Africana e a Nova Arquitectura para a Paz e Segurança”.



Intervenção do Alto Comissário das Nações

“A SADC e os Desafios da Integração Política e Económica de África”, foi tema a cargo de Samuel Caholo, secretário executivo adjunto da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC), enquanto sobre “O Futuro das Relações Comerciais Euro-Africanas no Quadro da MOC”, dissertou Manuel Ennes Ferreira, do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa.

No quarto e último painel, sobre “África e a Concretização dos Objectivos do Milénio”, foram oradores Franz Heimer, catedrático jubilado do ISCTE e investigador sénior do CEO, sobre o tema “A Educação para o Desenvolvimento nas Relações Euro-Africanas” e João Milando, investigador também do CEO e do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, abordou a Cooperação para o Desenvolvimento entre África e Europa. Lusa

Portugal festejou o Dia de África

O Dia de África em Portugal foi ainda festejado um pouco por toda a parte, na margem doutras localidades no continente europeu com fortes comunidades de origem africana; desde Lisboa ao Porto, de Coimbra a Quarteira, no Algarve, e de certa maneira por todas as regiões onde as comunidades dos países africanos de expressão portuguesa (Palop), se organizam em associações, e em particular este ano com destaque para a presença do ex-secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, a convite do Grupo Africano de Embaixadores.

Na cidade do Porto, a data foi assinalada com assessores das Nações Unidas do Grupo Integrado da ONU na Serra Leoa, a UNIOSIL, com destaque para o assessor Rui Flores; em Lisboa, ainda no Bairro 6 de Maio, na Damaia, localidade situada entre Amadora e Lisboa, estas iniciativas começaram no dia anterior com festas organizadas pelas respectivas associações.

Em Coimbra para além de uma exposição fotográfica sobre Angola, desenvolveram-se actividades culturais com destaque para a poesia e um debate à volta do percurso da mulher africana a cargo do Centro Universitário da cidade e com a



General Loureiro dos Santos no painel Paz e Segurança no Diálogo África-Europa. Ao centro o Secretário da SADC, João Samuel Caholo e logo a seguir o grande Mestre David Gakunzi

participação de vários intelectuais como a poetisa angolana Chó do Guri. Houve ainda outras acções concentradas desde as localidades de Quarteira, Olhão, Portimão, Faro, Setúbal, Sines, Aveiro e Braga com actividades culturais de várias ordens, manifestações desportivas e gastronómicas, tendo a Casa de Angola aproveitado o dia para o lançamento do livro da autoria do diplomata português, Luís Mascarenhas Galvão, denominado “Estórias de Angola”.

Em Lisboa, a Universidade Católica também organizou uma conferência sobre o desenvolvimento sustentável em África. Na Escola de Hotelaria e Turismo do Estoril, ficou uma mostra especial dos valores da gastronomia dos PALOP.

O Decano dos Embaixadores credenciados em Lisboa ofereceu no final do dia uma recepção na Quinta dos Cedros, em Sintra, na qual marcou presença o presidente da Assembleia da República, Jaime Gama, de entre outras personalidades e representantes de várias associações.

Interpelado por jornalistas de cadeias estrangeiras sobre a delicada questão do Zimbabué, e a ocorrência da grande II Cimeira África-Europa prevista para Lisboa em finais de 2007; para Assunção dos Anjos, os problemas internos da nação zimbabueana e de Robert Mugabe, são uma «questão complicada» que poderá ser «facilmente ultrapassada», pois «Os interesses de dois continentes não podem ser adiados por incompatibilidades em relação a um chefe de Estado» referiu.

Ainda em relação aos convívios organizados pelas associações de imigrantes, o Embaixador Assunção dos Anjos disse ter sido uma «acção espontânea... prova de que vivem o continente apesar de distantes...». Também em declarações à agência portuguesa Lusa, sobre o “Dia de África”, o Embaixador de Angola referiu que apesar de todos os desafios, a reconstrução de África é «também uma tarefa sublime», reafirmando: «É preciso chamar a atenção para as necessidades do continente, nomeadamente, a educação, a formação, combate às doenças, o fim dos conflitos armados e como lidar com as situações de pós-conflito, em especial a questão dos refugiados». Mais adiante o Embaixador referiu que o dia de África tem servido para mostrar ao mundo que os africanos «são racionalmente optimistas quanto ao desenvolvimento do continente».



Embaixador de Moçambique, Miguel Constâncio Mkaïma numa das muitas intervenções do Dia de África

laços de Também a CPLP através do seu maior representante, felicitou a oportunidade que considerou boa para «aprofundar amizade, solidariedade e de cooperação com a União Africana», disse Luís Fonseca numa carta oficial enviada a Sassou N’Goussou, presidente da UA. Em Angola, dia de feriado nacional, a efeméride foi assinalada pelo Parlamento em sessão extraordinária com vários convidados e a presença do corpo diplomático creditado em Luanda.

De recordar, que o Dia de África comemora-se desde 1972, depois de ter sido reconhecido pelas Nações Unidas como o “Dia de Libertação de África”, consequência das lutas dos vários movimentos de libertação e da luta contra o “apartheid”, nascendo também assim da necessidade de um órgão o reconhecimento oficial e de cariz imediatamente internacional: a Organização da Unidade Africana (OUA).

A comemoração da data já havia sido decidida por um grupo de líderes africanos em Addis Abeba, capital da Etiópia, a 25 de Maio de 1963, com o advento da independência dos primeiros países africanos até então governados e orientados por regimes coloniais.

Aconselha-te antes de celebrar um negócio



Num momento cheio de incertezas e consequente crise de confiança é prudente aconselhar-se antes de tomar qualquer decisão.

O velho ditado “*mais vale prevenir do que remediar*” revela-se hoje de maior importância preventiva nas sociedades ditas de consumo, onde a pretexto do lucro são com frequência postos em causa muitos dos valores e bons costumes da vida em sociedade, entre os quais o dever de informação.

O Código Civil à luz do princípio da Boa Fé impõe no art.º 227.º o dever de informação tanto nos preliminares como no momento da formação do contrato. (entendemos aqui por contrato qualquer negócio quer seja feito verbalmente quer seja escrito e ou registado). A violação desse dever de informação, no latim chamado *culpa in contrahendo* está em regra geral na base dos litígios que acabam nas barras dos Tribunais. Assim, porque o dever de informar com verdade escasseia nos tempos que correm, será prudente aconselhar-se ou exigir transparência antes de assumir um compromisso negocial.

Se por um lado o prestador de serviços tende a aproveitar-se da falta de conhecimento, da inexperiência, ligeireza, dependência, fraqueza de carácter, ou da necessidade de outrem, por seu turno quem adquire os serviços tende a confiar na sua própria capacidade de negociar, acabando por ser vítima dessa presunção.

Com frequência chegam já tardiamente aos advogados, aos Serviços da Defesa do Consumidor, e aos Meios de Comunicação Social, queixas de pessoas lesadas em negócios por lhes ter faltado aconselhamento ou esclarecimentos sobre os negócios que celebraram ou sobre os produtos que adquiriram indevidamente.

Felizmente na Sociedade em que vivemos existem serviços que nos podem alertar dos riscos que corremos ao celebrar determinados negócios. A Ordem dos Advogados, a Defesa do Consumidor e a Provedoria da Justiça por exemplo, dispõem de serviços que podem ser consultados antes de se assumir um compromisso. Mais adiante deixaremos os contactos destas instituições à quem possam interessar.

Os Advogados em particular na sua função social podem desempenhar um papel de extrema importância na informação, consulta e patrocínio jurídico como previsto no texto constitucional.

Por forma a evitar desencantos do consumidor, em alguns países como é o exemplo do Brasil, a validade de um contrato depende da prévia fiscalização por parte de um advogado que deverá alertar para eventuais riscos que podem advir da sua celebração.

Neste artigo queremos chamar a atenção dos nossos leitores sobre os riscos que existem na aquisição de veículos automóveis com recurso ao crédito designado, locação financeira. A experiência tem-se revelado desastrosa para a maioria dos que aderem a esse tipo de crédito por desconhecerem a natureza jurídica desse crédito.

O que é então a locação financeira? Nos termos do art.º 1.º do Decreto-Lei 149/95 de 24/06 a locação financeira é o contrato pelo qual uma das partes se obriga, mediante retribuição, a ceder à outra o gozo temporário de uma coisa, móvel ou imóvel, adquirida ou constituída por indicação desta, e que o locatário “adquirente” poderá comprar, decorrido o período acordado, por um preço nele determinado ou determinável, mediante simples aplicação dos critérios nele fixados. São portanto elementos essenciais do contrato de locação, a cedência do gozo de uma coisa, o carácter temporário e a retribuição.

Sobre o locador “dono do bem” impende a obrigação de entregar ao locatário um bem móvel ou imóvel, mantendo, no entanto, a propriedade do bem até ao termo do contrato. Sobre o locatário, impende, por sua vez, a obrigação de pagar uma renda ou prestação e de manter e conservar o bem locado (alugado).

E, após a conclusão de todos os pagamentos, subsiste um valor, residual, correspondente a uma determinada percentagem do preço de aquisição. Este valor é aquele pelo qual o locatário tem a opção de adquirir o bem. O incumprimento das obrigações de qualquer das partes, locador ou locatário, faculta à outra parte a resolução do contrato, nos termos gerais. Uma vez operada a resolução ou findo o prazo da locação e porque o locador mantém o direito de propriedade sobre o bem locado durante o prazo do contrato, deve o locatário restituir esse bem ao locador.

Na prática, em caso do incumprimento do locatário (suposto comprador) do veículo, o locador exige a devolução do veículo; o pagamento das rendas vencidas e não pagas; o pagamento de todos os encargos suportados pelo locador por força da resolução (procuradoria e custas judiciais); o pagamento de uma indemnização por perdas e danos sofridos pela locadora, uma importância igual a 20% da soma das rendas vincendas e valor residual, o

que facilmente obtém através de uma livrança já em posse do locador cuja assinatura em branco exigiu no momento da entrega do veículo. O locatário, fica ainda obrigado, a pagar juros de mora à taxa prevista numa das cláusulas do contrato contados desde o vencimento das rendas e a resolução do contrato.

O cenário seria totalmente diferente, se se tratasse de facto de um verdadeiro contrato de compra e venda, onde o alienador só poderia exigir o pagamento do remanescente da dívida.

O segredo está em não assinar papéis sem ler e perceber cuidadosamente todas as cláusulas do contrato, ou aconselhar-se junto de quem maior conhecimento ou domínio tiver sobre a matéria.

Muitos dos papéis, como já referido (livranças) assinados em branco, valem como cheque, permitindo ao seu portador apor o montante a seu *bel prazer*, e executar o título para a penhora de bens ou salários.

O grande risco nos negócios de locação financeira é que não pode haver incumprimento no pagamento das mensalidades. O mesmo já não ocorre nos negócios de compra e venda propriamente ditos onde as consequências do incumprimento acarretam tão só penalizações razoáveis, e nunca a perda do bem adquirido e dos valores já pagos, acrescidos de indemnizações.

Vantagens de ler as cláusulas de um contrato

Em regra são as cláusulas apostas no verso de um contrato em letras praticamente ilegíveis, que ditam as regras de um contrato e consequentemente o desfecho de um eventual litígio. É extremamente importante ter a noção e clareza do estabelecido nessas cláusulas. Na prática, e para o infortúnio de muitos, não se dá atenção às regras contidas nas cláusulas. E o tribunal na sentença condenatória, faz sempre menção de que o adquirente ou locatário sabia as regras do contrato que livremente assinou, o qual não rescindiu no prazo que a lei lhe oferece (7 dias úteis).

É verdade que existe sempre a possibilidade de demonstrar em juízo de que a vontade foi viciada na fase da formação do contrato e que se pretendia a compra e não o aluguer do veículo.

Pode-se alegar ainda usura, má fé do alienante, etc, mas essa prova não é fácil de fazer. Poderão exceptuar-se os casos de pessoas que não sabem ler ou que sofram de alguma incapacidade que obste à contratação. Mas, o juízo de censura num sistema em que os bens patrimoniais gozam de maior protecção, penaliza sempre a parte mais fraca, que é o consumidor.

Impõe-se uma mudança de atitude, quer do mercado em geral, quer ainda dos cidadãos interessados na satisfação de interesses jurídicos concretos, no sentido

do Tribunal constituir a última e não a primeira das instâncias a que podem recorrer. – (Alerta a Ordem dos Advogados - C. Distrital de Lisboa).

Num inquérito recentemente realizado pela Ordem dos Advogados, apenas 46% dos inquiridos tinham consultado um advogado para aconselhamento. Ainda segundo esse inquérito, 96% dos inquiridos consideram útil ouvir um advogado antes de tomar decisões que envolvam aspectos legais.

Por vezes o cidadão desconhece que tem vantagens na utilização de determinados instrumentos legais, que pode exigir de terceiros a satisfação de alguns direitos ou garantias e que consultando um advogado ou especialista na matéria poderá exercê-los de forma mais eficiente. Mais e melhor informação jurídica dando a conhecer o direito em vigor, permitirá um exercício efectivo dos direitos subjectivos.

Importa referir, que o benefício do apoio judiciário segundo recente estudo do Conselho Distrital de Lisboa da Ordem dos Advogados, é deficientemente conhecido, contudo, quem recorreu a este tipo de serviço tende a avaliá-lo favoravelmente.

Por outro lado, todos os que nunca tiveram qualquer contacto com um advogado ou estão desinteressados dos problemas da justiça, por desinformação ou desconhecimento da importância da intervenção do advogado, têm uma opinião mais negativa sobre a sua imagem pública.

Contactos para aconselhamento:

Provedor de Justiça:

Rua Pau de Bandeira, 7 – 9

1249-088 Lisboa

Telf: 21 3926600 – Fax: 21 3961243

Linha Azul: 808 200 084

Ordem dos Advogados:

Largo de São Domingos, 14 – 1.º

1169-060 Lisboa

Telf: 218 824 070 – 218 880 581

Centro de Arbitragem de Conflitos de Consumo

Telf: 218 807 030

DECO (Defesa do Consumidor)

Rua da Artilharia 1 n.º 79 – 4.º

Telf: 213 710 200

e-mail: decolx@deco.pt

Isaac Paulo

Biografia

Advogado, Licenciado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Clássica de Lisboa, em 1993; pós-graduação no CEJ-1994; Direito Económico e OAB – Brasil 1995; Estudos da União Europeia 2005; ex-conselheiro para os assuntos de imigração; Advogado para os assuntos externos do Consulado de Angola em Lisboa; Regressa brevemente a Angola após 25 anos de imigração em Portugal, Espanha, França, Suíça, Brasil, e viagens por Holanda, EUA, Itália, Áustria, Alemanha, Bélgica, Andorra e Inglaterra.

Projecto PRESILD • Angola tem nova rede de supermercados

Por: Paulo de Jesus em Luanda

O país conta desde os primeiros dias de Março, com uma nova rede de supermercados, no quadro de um Programa de Reestruturação do Sistema de Logística e de Distribuição de Produtos Essenciais à População (PRESILD), uma iniciativa presidencial, que visa facilitar a oferta e o acesso aos produtos básicos à população, através de mercados abastecedores nos principais pontos de distribuição de produtos de todo o país. O projecto iniciou com a inauguração do primeiro supermercado "Nosso Super", no município do Sambizanga, pelo Presidente da República, José Eduardo dos Santos.



Coordenado pelo Ministério das Finanças, o programa, que custará cerca de 600 milhões de dólares, criará novas estruturas que servirão de pilares para a promoção comercial no país, em conformidade com a lei da concorrência e das actividades da respectiva organização dentro dos incentivos públicos e privados.

No fundo, é intenção do Estado angolano inaugurar uma nova fase no sistema de distribuição de produtos essenciais à população, uma tarefa nos últimos anos dominada por comerciantes orientais, sobretudo libaneses.

O director nacional do Comércio, Gomes Cardoso, em recente conferência de imprensa, na qualidade de coordenador do sub-grupo técnico operativo de infra-estruturas físicas, assegurou que o programa vai incidir na organização dos mercados grossistas e retalhistas, visando a estruturação e implementação do PRESILD - Nova Rede Comercial.



A construção das novas estruturas comerciais, de acordo com Gomes Cardoso, está dividida em duas fases. A primeira comporta 31 supermercados em todo o país, cuja inauguração ocorrerá a partir do primeiro trimestre de 2007, com dez unidades nas províncias de Luanda, Benguela, Huambo, Huíla, Malanje, Cabinda e Bié.



Para a segunda fase, o projecto prevê a construção e reabilitação de 163 mercados municipais retalhistas, em locais a indicar por cada governador provincial para a conversão dos agentes económicos informais em formais.

A par disso, está ainda programada a reestruturação e construção de Centros de Lo-

gística e Distribuição dos Produtos (CLODS), em Luanda, Malanje e Cunene. A escolha de Malanje, segundo Gomes Cardoso, deve-se ao facto daquela província constituir um ponto geo-estratégico para o Leste e o Norte do país e outras interligações às principais zonas agro-pecuárias, enquanto que Cunene é um ponto estratégico no fomento da criação do gado bovino.

O PRESILD, vai ainda requalificar as zonas urbanas, suburbanas e rurais, através de um programa específico de formação profissional, criando lojas pedagógicas, para o ensino e aplicação de novas formas de comércio a nível interno e externo, assim como corrigir e potenciar os agentes económicos a exercer a actividade nos seus estabelecimentos.

200 mil empregos

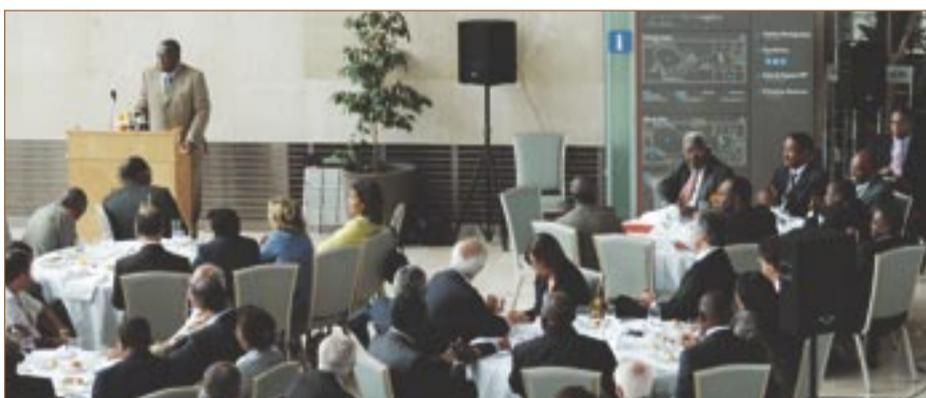
O sector comercial criará 186 mil e 900 postos de trabalho directos e indirectos até 2012, com a implantação da nova rede comercial em todo o país, bem como a integração logística e equilíbrio na distribuição espacial e no urbanismo comercial.

O projecto prevê a construção de 10 mil estabelecimentos de pequeno retalho, empregando 83 mil pessoas, 16 mercados municipais urbanos, suburbanos e rurais, que vão gerar 74 mil empregos e 31 novos estabelecimentos comerciais de grande porte, de auto-serviço (mais de seis mil e 400 empregos). A par disso, os CLODS vão criar 23 mil e 500 empregos.

Para Manuel da Cruz Neto, vice-ministro do Comércio, a nova rede ambiciona criar bases para que a produção e o consumo se enquadre, o que significa que o referido programa terá de interagir com todos os outros programas, quer do lado da produção quer do consumo. O projecto do PRESILD, segundo Cruz Neto, estará sempre direccionado para o conceito de integração, para que tenha uma produção à altura das necessidades do consumidor.



Cruz Neto, precisou que a proposta da criação de CLODS, com uma capacidade de armazenagem moderna, permitirá satisfazer as necessidades da actividade grossista. «Inicialmente tínhamos previsto a criação de um mercado abastecedor com centros preferenciais de apoio à produção interna, mas dada a grande escassez de instituições capacitadas para o armazenamento e manuseamento de mercadorias, ampliámos o conceito de mercador abastecedor para CLODS, uma estrutura polivalente com objectivo principal de comercializar os produtos da produção local», disse. **P.J.**



Indústria petrolífera recebe mil milhões de dólares

O gestor, apontou ainda outras áreas para novos negócios, tais como: a protecção ambiental, ensaios não destrutivos, construção civil, etc.

Sobre o facto da indústria petrolífera, ser um ramo industrial de capitais, exclusivamente angolanos, Manuel Vicente, afirmou ser isso uma realidade e representando um volume de negócios anual, estimado em 300 milhões de dólares.

«Existem óptimas oportunidades para os fornecedores e prestadores de serviços nacionais e a concessionária (Sonangol) continuará a promover a inserção destas iniciativas dentro da indústria petrolífera», frisou.

Para promover o empresariado angolano, disse, a classe tem no projecto de apoio à capacitação de companhias nacionais de prestação de serviços no ramo dos petróleos, uma ocasião, para incrementar os

conhecimentos, sobre a gestão do sector e as suas empresas.

O Governo angolano começou a abordar, mais seriamente, a questão da angolanização dos recursos petrolíferos com o decreto 20/82, através do qual estabeleceu, que todas companhias que exploravam o "crude" no país, deviam contribuir para a formação técnica de angolanos. neste sector. **P.J.**



A indústria petrolífera vai receber 50 biliões de dólares entre 2007 e 2013, com vista a assegurar uma produção diária na ordem dos dois milhões de barris. O valor, destina-se ainda ao aumento progressivo da produção.

A informação foi dada pelo presidente do Conselho de Administração da Sonangol, Manuel Vicente, durante o congresso "Angolanização da Indústria Petrolífera".

Manuel Vicente, disse que os investimentos trarão novas oportunidades de negócios nas áreas de construção de insta-

lações, de equipamentos e de infra-estruturas petrolíferas, assim como na operação e manutenção das mesmas.



Desidério da Costa



Manuel Vicente

Porto de Cabinda

Por: **Lea Teixeira**

Realizou-se, na cidade de Lisboa, a Conferência Internacional de Transporte Marítimo, Portos e Globalização das Economias que teve como objectivo principal mostrar a situação presente e os desafios que se colocarão na próxima década, a este meio de transporte e aos portos. Participaram no encontro, representantes dos seguintes países: África do Sul, Argélia, Angola, Brasil, Cabo Verde, Espanha, Guiné-Bissau, Líbia, Moçambique, S.Tomé e Príncipe, Portugal, Timor e Tunísia.

Foram vários os temas debatidos com os pontos principais a seguir mencionados: Situação Presente e Perspectiva a 10 anos, do Porto de Durban; Transportes Marítimos e Portos-Visão.

Perspectiva Mundial da Movimentação de Cargas; Segurança do Transporte Marítimo, Preservação dos Mares, Portos e Globalização das Economias, entre outros.



Osvaldo Lobo Nascimento,
Director do Porto de Cabinda

Entre os participantes dos diversos países destacamos: Filomeno Silva, presidente do Instituto Marítimo e Portuário de Angola, José Kuvingwa, Director do Gabinete de Estudos, Planeamento e Estatística do Ministério dos Transportes de Angola, André Luís Brandão, Ministério dos Transportes e Osvaldo Lobo Nascimento, Director do Porto de Cabinda que tem feito uma excelente administração, com uma visão moderna e arrojada com a qual pretende, a médio prazo, transformar o Porto de Cabinda num exemplo a nível mundial. Este Porto, é considerado o segundo mais importante de Angola.



Tornar o porto de Cabinda num Porto comercial moderno, num grande centro logístico, onde circularão navios e entre muitos outros veículos e fluirão grandes quantidades de mercadorias, será o caminho a seguir para o mercado global. Segundo Osvaldo Lobo, para que isso aconteça, é necessário tomar uma série de medidas que incluam a reconstrução e remodelação da actual ponte-cais, a disponibilização de equipamentos de operação mais modernos e a construção de novas torres de iluminação. O aterro e a asfaltagem de uma área superior a 300.000 m² para estacionamento de contentores, o aprofundamento do canal de navegação de acesso a costas de 9 metros e a balizagem marinha do mesmo canal, são trabalhos já em execução.



O Porto de Cabinda, é hoje um dos raros portos africanos, preocupado com as questões ambientais, estando a desenvolver esforços no sentido da sua certificação internacional nessa área, bem como na segurança e qualidade. As questões de segurança marítima, portuária e das mercadorias estão a ser alvo, da melhor atenção por parte da actual equipa.

No que concerne, concretamente à evolução do Porto, após vários anos de baixo desempenho, este começou a crescer no ano 2003 com estivagem de cerca de 1040 contentores cheios. Com as transformações infra-estruturais, organizacionais tecnológicas e gestacionárias, o Porto de Cabinda, nos anos

de 2005 e 2006, cresceu em média 40%, em cada um destes anos.

Com o crescimento do Porto, aumentou o lucro das receitas das autoridades que intervêm no sector marítimo, o volume de negócios dos agentes de navegação, das empresas de camionagem e dos despachantes.

Este porto, foi projectado para ser um porto impulsor do desenvolvimento da província, tirando partido da sua excelente posição geográfica em relação a Soyo, Cabinda, Boma (Zaire), Matadi, e Ponta Negra, tendo um papel fundamental na economia da província.

Em Cabinda, é extraído cerca de 70% do petróleo exportado por Angola, produto que

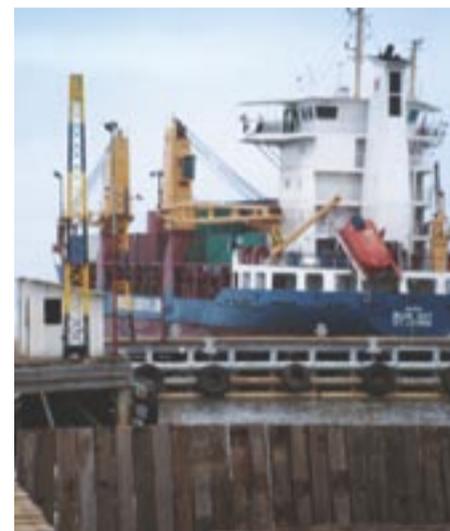
representa mais de 80% das exportações do país. A importância desta província não se deve apenas ao petróleo e ao gás natural, o subsolo possui urânio, ouro, diamantes, fosfato, manganês e ferro, entre outros minerais.

A costa desta região é de 50 milhas, desde a fronteira Norte, com o rio Massabi, até um pouco a sul a Ponta Vermelha e, alguns rios e lagoas onde existe uma riqueza piscícola exuberante. A flora, é também, um factor de riqueza situando-se, em Cabinda a Floresta de Maiombe, onde existe madeira de grande valor económico como, por exemplo, o pau preto, pau-ferro, as tolas, o ébano e o sândalo africano.

Outros Portos

São concorrentes de Cabinda, os portos de Matadi, Boma, Ponta Negra e Luanda, sendo este último, o mais importante do País, movimentando cerca de 85% do total das importações e exportações, o que representa uma produção anual superior a 5 milhões de toneladas de mercadorias.

O porto de Luanda dispõe de 2.738 metros de cais acostável, divididos em quatro grandes terminais, que representam cerca de 17 postos de acostagem, servidos por 17 armazéns cobertos, com uma superfície de 49.500m² e uma área de terraplenos de 792.219m². Tem excelentes condições naturais, protegida pela ilha de Luanda contra as correntes e ondulações marítimas, garantindo óptimas condições para manobras de acostagem de navios na baía, e o acesso em qualquer época do ano. Funciona 24 horas por dia, com níveis satisfatórios de operacionalidade e segurança.



De acordo com a história, foi no final do século XV, que Diogo Cão, descobriu a costa angolana. No entanto, só a partir de meados do sec. XVII, é que, devido ao tráfico de escravos, Cabinda, atraiu mais navios europeus ao seu porto, tornando-se um importante entreposto de escravos, oriundos do interior de África Ocidental.

Sendo uma zona com grandes potencialidades florestais, tornou-se, rapidamente num porto comercial muito importante, para escoar, enormes quantidades de valiosa e rara madeira, com destino à Europa e novo Mundo. Dados estatísticos indicam, que durante a época colonial, a exploração de madeira na região chegou a atingir, entre 1950 e 1969, mais de 170.000m³ ano, no período pós independência, 1978 a 2004 foram explorados mais de 550.000m³, o que equivale a 75.000 m³ ano, aproximadamente.

Essas enormes quantidades de madeiras eram embarcadas em toros, devido à falta de condições portuárias adequadas, viajando, rio abaixo, em jangadas.



Quanto ao Porto de Luanda, no decurso do ano de 2006, recebeu 3.457 navios, sendo 773 de longo curso, 103 de cabotagem e 2.581 navios de apoio às actividades petrolíferas.

A estivagem de cargas foi de 5.469.103 toneladas, o que representa um aumento de 35% em relação ao ano anterior. A carga contentorizada continua a registrar um incremento cada vez maior, tendo representado 45,9% do total da carga estivada. Foram movimentadas 377.206 Toneladas, em contentores (198.906 cheios e vazios), tendo entrado pelo Porto de Luanda um total de 70.147 viaturas novas e usadas.

SONANGOL anuncia nova descoberta no BLOCO 31

A Sociedade Nacional de Combustíveis de Angola (Sonangol EP) e a BP Exploration (Angola) limited anunciaram, recentemente, a descoberta de um poço de petróleo denominado Cordélia-1, no bloco 31 em águas ultra profundas do offshore angolano.

De acordo com o comunicado de imprensa da Sonangol, esta é a décima quarta descoberta que a BP efectuou no BLOCO 31 e está loca-



lizada aproximadamente a 3,5 quilómetros a sudeste da descoberta Miranda, recentemente anunciada.

A nota refere que o poço Cordélia-1, foi perfurado pelo navio sonda Jack Ryan a uma profundidade de lâmina de água de 2.308 metros, a cerca de 371 quilómetros a noroeste de Luanda e atingiu uma profundidade total de 4.040 metros abaixo do nível do mar.

O poço, foi testado, a uma taxa de produção operacionalmente restrita de 2.063 barris de petróleo/dia.

A Sonangol é a concessionária do BLOCO 31, a BP Exploration (Angola) limited como operadora do bloco detém 26,67 por cento de interesse. Os parceiros do bloco 31 são a Esso Exploration and Production Angola (25 por cento), a Sonangol Ep (20 por cento), a Statoil Angola A.S (13, 33 por cento), Marathon International Petroleum Angola Block 31 limited (10 por cento) e a Tepsa Limited, subsidiária do grupo Total com cinco por cento.

MWANGOLÉ

Angola Telecom

apresenta projectos avaliados em mais de 122 milhões de dólares

A empresa de telefonia fixa, AngolaTelecom, apresentou em Luanda, dois novos projectos de telecomunicações que visam aumentar a capacidade de oferta de serviços na rede do país, avaliados em 122 milhões de dólares norte-americanos, suportados pelo Orçamento Geral do Estado e com a parceria da empresa chinesa ZTE.

Trata-se dos projectos de telecomunicações de Apoio ao Processo Eleitoral e o de Expansão e Modernização da Região Este de Angola. O primeiro, orçado em aproximadamente 20 milhões de dólares norte-americanos, destina-se a beneficiar a infra-estrutura de transmissão e de acesso da Angola Telecom nas capitais de província e municípios do país, abrangendo Luanda, Cabinda, Kuando Kubango, Cunene, Kwanza Sul, Lundas Norte e Sul, Moxico, Namibe e Zaire, num total de 38 estações.

Este projecto é composto por duas estações terrenas de satélite para M'banza Congo e Luena, pela instalação de redes Vsat, redes de cabos do Luena, 1440 linhas ADSL, sete mil linhas CDMA (sem fios) de médio porte, sistema Intranet na maior parte das capitais provinciais e redes CDMA (sem fios) de pequeno porte (500) linhas, em 25 municípios, num total de 19 mil e 500 linhas.

Já o segundo (de Expansão e Modernização da Região Este do país), avaliado em 102 milhões e 200 mil dólares, permitirá a extensão da rede de transporte de telecomunicação nacional, "Backbone nacional", em fibra óptica e a construção de novas redes de acesso em cobre e sem fio, nos principais municípios da região Este de Angola.

MWANGOLÉ

Governo disponibiliza 45 milhões de dólares para Fundo do Comércio

Quarenta e cinco milhões de dólares norte-americanos é o valor total disponibilizado pelo Governo angolano para o Fundo de Garantia do Comércio, a fim de apoiar os agentes comerciais nacionais.

O facto foi anunciado em Luanda pelo coordenador técnico para infra-estruturas do Programa de Reestruturação do Sistema de Logística e de Distribuição de Produtos Essenciais à População (Presild), Gomes Cardoso, durante uma conferência de imprensa.

Segundo a fonte, os comerciantes terão acesso ao fundo mediante critérios pré-estabelecidos, entre os quais ser angolano, ter capacidade civil e estar integrado no sector comercial.

Gomes Cardoso, explicou que os beneficiários do crédito bonificado não irão receber dinheiro, mas terão direito a um novo estabelecimento, já com mercadorias, avaliado em 200 mil dólares, que serão construídos em espaços cedidos pelos governos provinciais.

Avançou que o Banco de Desenvolvimento de Angola (BDA) negociará com os bancos comerciais que servirão de mediadores a nível das províncias, para que as empresas que estiverem interessadas na construção dessas infra-estruturas recorram a essas instituições, evitando que haja atrasos na execução das obras.

MWANGOLÉ

Exportações portuguesas para Angola atingiram mais de um bilião de euros em 2006

As exportações portuguesas para Angola, em 2006, atingiram o total de um bilião e 210 milhões de euros, contra os 800 milhões conseguidos em 2005, indica um relatório do Instituto Português do Comércio Exterior (ICEP), em Luanda.

De acordo com o documento, estes resultados colocaram Angola em oitavo lugar no destino das exportações de Portugal no mundo, com um peso de 3,5 por cento do total.

"Em 2006 registou-se um crescimento de 50 por cento nas exportações, fundamentalmente ao nível dos bens de equipamentos", adianta, avançando que, no primeiro trimestre deste ano, 2007, verificou-se um aumento de 43 por cento das exportações face ao mesmo período de 2006, tendo Angola passado já a constituir o sétimo mercado de Portugal.

O relatório salienta que em 2006 houve igualmente um aumento de projectos portugueses aprovados em Angola, um total de 191, correspondentes a 182 milhões de dólares. Em 2005, foram aprovados somente 83 projectos, pelo órgão encarregue desta tarefa, a Agência Nacional de Investimento Privado.

A fonte refere que as exportações portuguesas para Angola no período 1998-2006 apresentaram duas fases, sendo a primeira entre 1998 e 1999 (decrecente) e a segunda após 1999 (crescente).

Segundo os últimos dados da Direcção Nacional de Alfândegas de Angola, em 2006, as quotas de mercado dos principais fornecedores de Angola foram as seguintes: Portugal 17,1 por cento, EUA 9,8 por cento, Brasil 8,6 por cento, China 8,5 por cento e África do Sul 8 por cento.

Para o delegado do ICEP em Luanda, Fernando Anjos, o interesse das empresas portuguesas em investir no mercado angolano e estabelecer parcerias em Angola, é cada vez mais acentuado, fruto do clima de paz e das fortes oportunidades de negócio que se apresentam.

MWANGOLÉ



Depósitos do BIC cifrados em 207 milhões dólares

O Banco Internacional de Crédito (BIC) captou dos seus clientes, durante o primeiro trimestre deste ano, 207 milhões de dólares norte-americanos, elevando assim a sua carteira de depósitos à ordem para o total de um bilião e 350 milhões, disse o presidente do conselho de administração da instituição financeira, Fernando Teles.

Relativamente a empréstimos, o gestor disse estar aprovado créditos no valor total de um bilião e 170 milhões, enquanto o crédito acumulado já concedido pela instituição aos clientes está cifrado em 770 milhões dólares. Até Dezembro de 2006, o crédito cedido era de 630 milhões de dólares norte-americanos.

Apesar do crescimento da actividade bancária no mercado não ter sido muito relevante nos primeiros meses do ano, disse o responsável da instituição financeira, o BIC registou um fluxo de caixa dentro das previsões traçadas pela administração do banco.

Segundo Fernando Teles, o banco está a conceder créditos aos agentes económicos relacionados com as áreas de camionagem, agricultura, pecuária, imobiliária e indústria.

Com apenas 24 meses de actividades no mercado angolano, o BIC tem pretensões de, a partir deste ano, internacionalizar os seus serviços, a começar por Portugal onde já existe um projecto concreto para a abertura de uma filial.

Além da Europa, o BIC está a fazer um estudo de mercado visando expandir a sua actividade em alguns países da SADC, com destaque para a Namíbia e a República Democrática do Congo.

Tendo em conta o desenvolvimento da actividade de seguros no país, o BIC também pretende entrar no mercado segurador, admitiu o seu presidente do conselho de administração.

MWANGOLÉ

Hotel Presidente Meridien baixa de categoria

A directora do Gabinete de Estudos, Planeamento e Estatística do Ministério da Hotelaria e Turismo (Minhotur), Rosa António Gomes da Cruz. Deu a conhecer em Luanda que o hotel Presidente Meridien, uma referência histórica da rede hoteleira nacional, localizado junto à baía da capital angolana, perdeu no primeiro trimestre deste ano, a categoria VIP de quatro estrelas, baixando para três.

Segundo referiu, a desclassificação do hotel ficou a dever-se à relativa degradação das suas infra-estruturas e à ausência de serviços compatíveis com a categoria que ostentava.

A desclassificação do hotel Presidente Meridien insere-se no âmbito das acções que o Governo está a efectuar no sentido de levar os gestores a terem maior responsabilidade no que diz respeito ao apetrechamento das unidades e melhoria de serviços oferecidos.

Segundo referiu, "em função dos importantes eventos que o país vai receber, entre eles o Campeonato Africano das Nações (CAN/2010), urge a necessidade de conferir outra imagem aos hotéis, por forma a que estejam à altura da procura.

MWANGOLÉ

PIB angolano cresce de 89,6 por cento

O Produto Interno Bruto (PIB), teve um crescimento entre 2002 e 2006, na ordem de 89,6 por cento, de acordo com o Relatório de Execução do Programa Geral do Governo aprovado pelo Conselho de Ministros.

A taxa de desemprego, apesar de uma recuperação de 4 por cento em relação a 2005, manteve-se na ordem dos 25,2 por cento e a taxa de inflação anual acumulada em Dezembro de 2006 foi de 12,2 por cento, menos 6,3 pontos percentuais que em 2005.

Por seu turno, a taxa de inflação unificada, situou-se acima da meta do Governo, estabelecida em 10 por cento.

MWANGOLÉ

Sector hoteleiro perspectiva investimentos na ordem de 800 milhões de dólares

O sector hoteleiro angolano tem perspectivado, para os próximos dois anos, investimentos privados na ordem de 800 milhões de dólares norte-americanos, para aumentar a capacidade hoteleira e reduzir a carência de quartos a nível do país.

Os investimentos privados deverão permitir, no mínimo, a construção de doze hotéis, dentro de dois anos, proporcionar um aumento de emprego directo e indirecto no sector e garantir acima de mil e 800 postos de trabalho.

A realização do Campeonato Africano das Nações (CAN/2010) e do mundial de futebol na África do Sul, também em 2010, tem permitido igualmente, alguma influência na decisão dos agentes económicos em investir no sector hoteleiro angolano.

Deste modo, entre algumas unidades a serem erguidas, o país poderá ver construídos hotéis como Sava-Sivol, com 238 quartos e com estimativas de garantir 283 postos de trabalho, na capital do país.

O programa contempla igualmente a construção de uma cadeia de hotéis (denominado Sismotel), a serem erguidos em seis capitais provinciais, garantindo 240 quartos por unidade hoteleira e emprego a 170 pessoas.

O projecto reserva também, a construção do hotel Horizonte, com 154 quartos e 130 postos de trabalho, localizado na província de Luanda.



Na província da Huíla, com capacidade de 260 quartos, será erguido o hotel Muíla, que proporcionará trezentos postos de trabalho.

Dos planos existentes, consta também a construção de uma cadeia de hotéis (denominada Gondwana hotel), com 443 quartos distribuídos pelas 18 províncias do país e com perspectiva de garantir mil e quatro postos de trabalho. A "Gondwana hotel" pretende construir 21 hotéis no total, sendo três em Luanda.

Está também prevista a construção do hotel "Luanda da Urbango", com capacidade de 144 quartos e que permitirá a criação de 100 postos de trabalho, bem como a reabilitação do Hotel Presidente.

MWANGOLÉ

Sonangol vai assumir construção da refinaria do Lobito

A Sociedade Nacional de Combustíveis de Angola (Sonangol) vai assumir, isoladamente, a construção da refinaria do Lobito, por ter entrado em ruptura com a empresa chinesa China Petrochemical Corporation (Sinopec), companhia, inicialmente contratada, para formar uma parceria.

De acordo com o Presidente do Conselho da Administração da Sonangol, Manuel Vicente, a ruptura deve-se a desentendimentos entre as partes sobre as especificações dos produtos que seriam produzidos.

Disse que, apesar do desentendimento, a futura refinaria deverá estar operacional em 2010, depois de resolvidos os problemas de financiamento da sua construção.

Com a entrada em funcionamento da refinaria do Lobito, cuja construção está orçada em três biliões de dólares norte-americanos (usd), o país vai poupar mais de usd 500 milhões em importação de derivados de petróleo, permitindo até, a sua exportação.

O empreendimento terá capacidade de refinar diariamente 240 mil barris de petróleo. Numa primeira fase, a fábrica vai processar seis milhões de toneladas métricas por ano (cerca de 120 mil barris por dia).

Na segunda fase, a produção aumentará para 10 milhões de toneladas métricas (240 mil barris/dia).

Actualmente, Angola, que produz cerca de 1,4 milhões de barris por dia, possui apenas uma refinaria, construída na década de 50 nos arredores de Luanda, cuja capacidade de produção está limitada a 40 mil barris diários.

A construção da refinaria do Lobito permitirá resolver o problema do abastecimento de combustíveis ao mercado interno, que a Sonangol tem vindo a resolver com o recurso à importação.

Angola é o segundo maior produtor de petróleo da África sub-sahariana, depois da Nigéria, estando as reservas petrolíferas do país estimadas em 12 biliões de barris.

MWANGOLÉ

ARTE

Arte angolana na Bienal de Veneza

A 52ª Bienal Internacional de Veneza tem um vasto pavilhão dedicado a África e apresenta uma perspectiva actual da arte deste continente e da diáspora africana, organizado pelos curadores Fernando Alvim, artista plástico e conceptor da Trienal de Luanda, e Simon Njami, sociólogo e crítico de arte camaronês.

Obras da Sindika Dokolo - colecção africana de arte contemporânea, sediada em Luanda, estão presentes na exposição. A colecção possui cerca de 700 trabalhos de 140 artistas de 28 países africanos e tem sido actualizada e exibida, circulando por galerias angolanas e pelo meio artístico internacional, nomeadamente na "ARCO" em Madrid e no Instituto Valenciano de Arte Moderna, em 2006. Alguns artistas angolanos tais como Ihosvanny, Yonamine, Kiluanji Kia Henda, Nástio Mosquito, N'dilo Mutima,



Obra de Ihosvanny

Viteix e Paulo Kapela apresentarão obras no evento, o que terá enorme repercussão na produção e divulgação artística nacional.

A 52ª Bienal Internacional de Veneza abriu a 10 de Junho e vai prolongar-se até 21 de Novembro, intitulado-se "Pensar com os sentidos - sentir com a mente. Arte no Presente" e o seu director este ano, o curador crítico e artista americano Robert Storr. Nas palavras do presidente da Bienal, David Croff, «A Bienal de Arte sempre deu provas de tendências, escolas, movimentos e individualidades de vanguarda, que estabeleceram um modelo seguido em todo o mundo». **MWANGOLÉ**



Foto de Madalena Raimundo



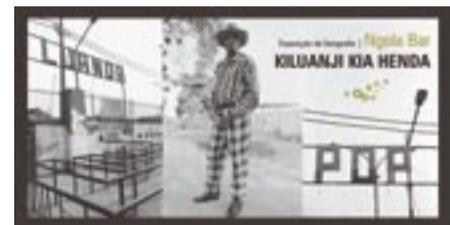
Kiluanji em Veneza diante da sua obra N'gola Bar

Luanda Pop dá o nome ao Pavilhão de África na 52ª Bienal de Veneza

A Bienal de Arte de Veneza, um dos mais prestigiosos eventos culturais internacionais, começou com muita interactividade, algumas polémicas e destaque para trabalhos com temáticas fortemente sociológicas e socioculturais, entre elas o feminismo, guerra, pobreza e abuso sexual. Este ano, o evento conta com o recorde de 76 países participantes.

Além da secção para a produção contemporânea do continente africano, denominada *Check List, Luanda Pop*; se forem levadas em consideração as 34 mostras espalhadas pela cidade em eventos complementares à Bienal, são mais de 500 artistas presentes.

Depois de Veneza, o artista cuja obra, Luanda Pop, deu o nome ao pavilhão de África em Veneza, Kiluanji Kia Henda, está a realizar



uma digressão pela Europa com as suas fotografias. Depois de Paris e até Setembro podemos ver uma mostra de fotografias deste artista no Centro de Artes de Sines (Portugal). A exposição denominada "Ngola Bar", enquadra-se no programa do Centro para o festival Músicas do Mundo. A exposição "Ngola Bar" mostra imagens que segundo o artista «reflectem a cidade de Luanda, a sua degradação e beleza, episódios e situações caricatas, assim como figuras que representam bem a criatividade e resistência exigidas para a vida luandense».

Kiluanji é um dos primeiros artistas a fixar paisagens de Angola sem Guerra. As suas exposições incluem fotografias feitas em várias províncias. Como resultado das suas viagens de norte a sul de Angola, nas residências artísticas que a Trienal de Luanda organizou, kiluanji realizou o projecto "4ª Dimensão, que em breve pretende trazer a público. **MWANGOLÉ**

Programa do Centro

www.centroartesdesines.com.pt

Programa completo do Festival Músicas do Mundo www.fmm.com.pt

Dia da Paz em Portugal

Fotos: RICMIDIA

Artes plásticas, palestras, gastronomia, artesanato de Angola, um torneio de futebol e uma tertúlia com o escritor Luandino Vieira tiveram lugar em Portugal, a propósito do Dia da Paz, 4 de Abril. Depois da assinatura dos acordos de paz para Angola, a Embaixada de Angola em Portugal tem vindo a organizar uma série de actividades, visando assinalar o dia 4 de Abril, data considerada no calendário angolano como o Dia da Paz. Tais actividades este ano tiveram lugar nas cidades de Lisboa e Porto.



Pintura da Paz

Arlete Marques, Ana Silva, Maly Gusmão, Kaptine, João Inglês e António Magina, estiveram representados na exposição, revelando a existência de uma pujante diáspora artística angolana na diversidade das suas expressões.

De acordo com Luís Kandjimbo, os artistas que se associaram a este projecto, fizeram-no com a plena consciência de que a cultura representa o substracto da harmonia social e da identidade colectiva e, «ao olhar as suas obras percebemos as suas inquietações e a

Uma mostra colectiva de artistas plásticos angolanos, radicados em Portugal, concentrando o simbolismo da celebração da paz, no actual contexto de Angola, foi aberta numa galeria do Bairro Alto, sob os auspícios do sector cultural da Embaixada de Angola em Portugal para assinalar o dia 4 de Abril, considerado o dia da paz no calendário angolano.

Segundo o prefácio desta segunda mostra dedicada à paz, em Portugal, assinado pelo adido cultural da Embaixada, Luís Kandjimbo, a exposição associa «o esplendor da arte a um pressuposto fundamental para o exercício da liberdade, da criação artística e fruição dos bens culturais do homem».

Alguns dos nomes mais representativos das artes plásticas angolanas como Eleutério Sanchez, João Inglês, Dília Fraguito,



O Embaixador Assunção dos Anjos agradeceu aos artistas pela participação nas comemorações do Dia da Paz



Aldo Milá encantou os presentes tocando sembas

vontade de perpetuar o estado de espírito que a paz garante, num vigoroso testemunho de natureza cívica». **MWANGOLÉ**



Luís Kandjimbo, Luandino Vieira, Paula Tavares e António Carvalho

Vida e Obra de Luandino Vieira

Uma numerosa assistência reuniu-se na tarde de Domingo, 29 de Abril, à volta de Luandino Vieira, para o ouvir falar do seu percurso literário, na Galeria Matos Ferreira, no Bairro Alto, em Lisboa.

O autor foi apresentado pela historiadora e poeta Ana Paula Tavares, rodeada na ocasião por Luís Kandjimbo, adido cultural de Angola em Lisboa, e pelo jornalista António Carvalho.

Ana Paula falou do autor, dos livros, da vida e do seu singularíssimo percurso.

Logo a seguir Luandino, na sua intervenção, preferiu centrar-se nos "Velhos Rios", a sua última obra, descrevendo-a como muito impregnada pelo português falado de Luanda e por termos de Quimundo.

Seguiu-se depois um debate com muitas perguntas centradas na biografia do escritor e sua identidade, e nos vários prémios que recebeu.

Alguém quis saber se o facto de ter nascido em Portugal o fazia sentir-se também português. O autor do "Luandino" respondeu só ter uma única natureza, o de ser angolano.

À pergunta "quando se sentiu escritor?", o autor respondeu que nos tornamos escritores quando lemos a primeira palavra impressa, mas confessou também que só se assumiu como profissional, nos distantes tempos em que estava preso no Tarrafal. Quando foi informado que tinha ganho o Grande Prémio da APE (Associação Portuguesa de Escritores), quanto a esta situação, instado a explicar porque recusara o Prémio Camões, defendeu-se, dizendo que não se sentia digno dele.

Novamente na sala perguntaram-lhe: «E se um dia lhe atribuírem o Prémio Nobel, também vai recusar?» Luandino pensou, pensou, acabando por afirmar que era um assunto para pensar... **JORGE RAMOS**

Zizi Ferreira de passagem pela “Arte de Rua”

Fotos: RICMIDIA

Com o seu sorriso aberto e uma maneira descomplicada de encarar a vida, Zizi já conquistou a simpatia dos seus colegas artistas. Alguns oferecem-lhe obras em troca das suas aguarelas.

Na rua Augusta, em Lisboa, dezenas de artistas ocupam os passeios pintando, expondo e vendendo paisagens de Lisboa aos turistas que passam. Há cerca de um mês, a angolana Zizi Ferreira, decidiu também investir neste modo de vida, com a ajuda do pintor guineense, Paçoka.



Com o amigo e mestre Paçoka ela aprende os motivos que os turistas mais compram

Artista plástica formada na especialidade de escultura pelo INFAC, fez a sua última exposição no Centro Cultural Interculturalidade da ONG “Etnia”. A arte nunca lhe rendeu dinheiro que chegasse para se manter mas, ultimamente, tem vivido apenas do exercer dos trabalhos que produz.



«O meu traço voltou ao que era»

Em Portugal, os seus quadros não se inspiram nas gentes de Angola, como sempre fez, nem em paisagens da terra, mas sim, nos gostos dos turistas. Paçoka, ensinou-lhe que o retrato dos eléctricos é dos que têm mais saída, e também lhe deu a dica de fixar, como ele fixa, com a sua máquina fotográfica, paisagens de Lisboa.



Alex é um colega que gosta de ajudar

«Estamos aqui, ajudando-nos uns aos outros», diz o artista guineense realçando o facto da sua amiga Zizi, não possuir familiares em Portugal. Para ela, esta nova actividade, não traz apenas dinheiro: «Ajuda-nos a manter a prática e a contactar outros colegas. Voltei a ganhar destreza pois

o meu traço já não era o mesmo». A artista investe nas telas e aguarelas. Nem todos os dias vende bem, mas há dias felizes. «Quando faltam outros colegas, não temos tanta concorrência, e em épocas de festas, como por exemplo agora na Páscoa, há mais turistas».



“Quando regressar a Angola, pretendo incentivar e promover a arte feita na rua”

Estar perto dos que se movem no mundo das artes é muito importante para esta artista, que depois de concluir o seu curso superior no INFAC (Instituto Nacional de Formação Artística) deu aulas de desenho no ensino secundário e em Lisboa frequenta o curso de Design da Universidade Lusófona. Ela, considera a passagem por Portugal muito enriquecedora para a sua carreira. Quando não vai às aulas à noite, monta a sua banca na rua do Coliseu, nas portas do Sol, onde também há uma grande afluência de turistas.



O interesse dos turistas é uma constante

Com o seu sorriso aberto e uma maneira descomplicada de encarar a vida, Zizi já conquistou a simpatia dos seus colegas artistas, alguns oferecem-lhe obras em troca das suas aguarelas. «Há aguarelistas que trabalham aqui há mais de vinte anos, é um privilégio para mim poder pintar ao lado deles, poder aprender com eles».



Em época de páscoa, as vendas aumentam

A artista, que também desenha com base em postais que compra de artistas como Artur Neto, afirma: «Agora, dou mais valor aos artistas angolanos que trabalham e vendem em Benfica. A experiência gratificante que tenho tido, iluminou-me e quando regressar a Angola, pretendo incentivar e promover a arte feita na rua». **S.M.**

LIVROS

Sector Cultural da Embaixada lança livros em Portugal



Em 2006, o sector cultural da Embaixada de Angola, realizou um programa de lançamento de livros, no âmbito de um intercâmbio que pretende privilegiar leitores e especialistas interessados nas literaturas africanas, tendo a angolana em particular.

O lançamento, que teve lugar na Sociedade Portuguesa de Autores, como outras em

algumas livrarias portuguesas, em especial a livraria Bulhosa (no Campo Grande). Uma iniciativa que o sector cultural da Embaixada apoiou, com base no interesse manifestado por editores e autores que pretendem ver os seus livros no mercado português «inclusivé, há edições feitas cá que nós indicamos aos editores», refere o adido cultural da Embaixada, Luís Kandjimbo.

Além deste programa, o sector cultural envolveu-se noutras iniciativas sobre livros, com o objectivo de criar espaços para que os livros de autores angolanos não representados em Portugal, possam circular neste país: «Há um conjunto de autores angolanos que não chegam ao mercado português, porque não são editados por editoras que possuam parcerias no mercado português» sublinha Luís Kandjimbo.

Na sua visão, o ideal seria que os editores angolanos pudessem suportar os custos e colocar livros angolanos à venda em Portugal mas, uma vez que isso ainda não é possível, o programa de lançamento de

livros da Embaixada: «É um sinal até para os livreiros, de que o comércio do livro angolano pode ser feito no sentido inverso, de Angola para Portugal», precisou ainda o responsável cultural. **MWANGOLÉ**

Nova Direcção no INALD

Em despacho assinado pelo ministro da Cultura, Boaventura Cardoso, o economista António Fonseca, foi recentemente nomeado para o cargo de director do INALD (Instituto Nacional do Livro e do Disco), instituição vocacionada para a produção literária e discográfica.

Em substituição de Jomo Fortunato, segundo uma nota de imprensa do Ministério da Cultura, António Fonseca exercerá em acumulação o cargo de director do instituto Nacional de Direitos dos Direitos de Autor e Conexos também afecto ao INALD.

Assim, Fonseca, que é responsável pelos prémios literários Sagrada Esperança e António Jacinto, regressa a um cargo que já exerceu em anos anteriores. O responsável é quadro do Ministério tendo já pertencido ao seu Gabinete Jurídico e à Empresa Nacional do Disco (ENDIPU). É escritor e apresentador de um programa cultural na Rádio Nacional de Angola.

FUTEBOL

Ângelo Cambundo em Angola

Fotos: RICMIDIA

O projecto de dissertação intitulado: Metodologias do treino de Jovens Futebolistas em regiões de Portugal (Cascais e Sintra) e Angola (Luanda). "Estudo comparativo ao nível do processo de treino nos escalões de iniciados e juvenis em Futebol", levou de volta a Angola o treinador de futebol que vos apresentámos na primeira edição deste jornal.

A história do treinador luso-angolano, da União Desportiva de Tires de Cascais, Ângelo Garcia Manuel Cambundo, tem chamado a atenção pelo seu óptimo desempenho à frente deste clube. Ângelo, é o tipo de pessoa que se pode dizer viciado no trabalho. No seu estilo moderno, arrojado e aplicado, considera as 24 horas do dia insuficientes para organizar, estruturar e estudar futebol. Cambundo, não começou a carreira de treinador por acaso, sabia o que queria. Aperfeiçoou-se, estudou e investiu na sua profissão. Por isso acredita que para ser um jogador ou um treinador de futebol tem que juntar o talento com o profissionalismo.



Concluiu, recentemente, na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em Lisboa, a Licenciatura de Educação Física e Desportos, com distinção. Também tem curso superior de treinador, ministrado pela UEFA Prestige, que lhe permite ser seleccionador de qualquer selecção do mundo.

Actualmente, Ângelo está em Luanda para realizar uma recolha de dados na associação de Futebol e Clubes de Luanda e possivelmente irá a algumas províncias de Angola

no âmbito do trabalho de dissertação que lhe vai conferir o grau de Mestre em Treino de Jovens Desportistas pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa.



Concluiu com sucesso o Curso de Especialização na temática "Treino de Jovens Desportistas" (Pós -Graduação 2005/2007). Com a aprovação do seu orientador científico, Professor Doutor Jorge Proença, apresentou



Quando tenho sorte, aproveito-a ao máximo

o projecto de dissertação intitulado: Metodologias do treino de Jovens Futebolistas em regiões de Portugal (Cascais e Sintra) e Angola (Luanda). "Estudo comparativo ao nível do processo de treino nos escalões de iniciados e juvenis em Futebol."



O ex-jogador e actual treinador do Tires, fala do seu envolvimento com Portugal. "Portugal deu-me grandes oportunidades, estou agradecido ao governo e ao povo português que me acolheram com muito carinho e simpatia e pela oportunidade que me foi concedida e que tenho a consciência de ter sabido aproveitar.



Nada me acontece por acaso

Este angolano também tem interesse em regressar a Angola. Considera fundamental para o futebol do seu País, a formação de jovens, factor imprescindível no desenvolvimento de novos talentos. Fontes próximas do treinador, indicam que clubes de renome, inclusive de Itália e França, têm procurado os seus préstimos, mas indagado sobre o assunto, pelo nosso jornal preferiu não confirmar e assegurou-nos que seríamos os primeiros a saber quando fechasse algum contrato. A pergunta que fica é: Qual dos dois países, Portugal ou Angola, conseguirá segurar este talento do futebol? **MWANGOLÉ**



ANDEBOL

Africano de Andebol em Angola em 2008

A federação angolana de andebol aprovou na sua última reunião de direcção, a criação de um Centro especial de Treinamento para a modalidade no país. Recentemente a Federação solicitou ao ministro da Juventude e Desportos o alargamento do pavilhão principal da Cidadela, que será palco do próximo Africano sénior feminino, a ter lugar em Luanda em 2008.



MWANGOLÉ

Angola terá Conselho Nacional de Desporto

O Conselho Nacional de Desporto para todos será institucionalizado segundo afirmação do ministro da Juventude e Desportos, José Marcos Barrica. O ministro explicou que a decisão surge após a participação de Angola no congresso mundial de desporto para todos, realizado durante a primeira semana de Maio em Havana, Cuba. Segundo o ministro para a sua efectivação, contará com as parcerias dos ministérios da Saúde, Assistência e

Reinserção Social, comités olímpico e paralímpico, federações nacionais e pessoas singulares ou colectivas identificadas com a causa desportiva. Para Barrica «O desporto para todos já é realidade em Angola, mas depois do seu lançamento oficial em 2004, foram realizadas acções muito pouco significativas», afirmou, acrescentando que isto deveu-se ao facto de não ter sido acautelado o envolvimento de outros sectores que foram agora tidos em conta. **MWANGOLÉ**

HÓQUEI EM PATINS

Hóquei angolano cai um degrau no Mundial

A equipa nacional de hóquei em patins que terminou a sua recente participação internacional quedou-se em oitavo lugar no Mundial da modalidade, decorrido em Montreux, Suíça, após derrota diante do Brasil, por 1-7, em desafio das classificativas ao sétimo posto desta mesma competição. Os comandados de Fernando Fallé, que face a esta má campanha, deixou a selecção angolana destituído do cargo. A selecção sofreu a sua terceira goleada na competição frente ao Brasil 7-1, depois de terem sido derrotados pela Holanda (0-7) e pela Espanha (0-8). Angola teve dois jogos difíceis frente à vice-campeão em título, Argentina, ainda na fase de grupos, e cruzou-se com a campeã, Espanha, na segunda fase.

João Vieira "Joy", que se estreou com a camisola de Angola num campeonato do mundo, foi o melhor marcador da equipa nacional com nove golos, seguido por Toy Gaspar (três golos) e Kirro, Pedro Neto e Toy Adão, todos com um.

O campeonato foi ganho pela Espanha, que derrotou na final a equipa anfitriã, a Suíça, por oito bolas a uma, sagrando-se os espanhóis bicampeões mundiais.



Portugal, outro velho candidato ao título (tem 15 títulos mundiais) ficou pela pior classificação de sempre, ocupando a quinta posição; primeiro ao perder com a Suíça a sua participação na recta final do campeonato e depois ao ser derrotada pela França, na atribuição da quarta e quinta posição.

MWANGOLÉ

Resultados de Angola durante o mundial de Montreux

- Angola - Argentina.....(2-5)
- Chile - Angola.....(0-2)
- Angola - Holanda.....(0-7)
- Espanha - Angola.....(8-0)
- Angola - França.....(3-4)
- Brasil - Angola.....(7-1)

BASQUETEBOL

**"Afrobasket-2007"
Tudo a postos para o arranque**

O Campeonato Africano das Nações em basquetebol, o "Afrobasket-2007", poderá custar aos cofres do Estado vinte milhões de dólares. O secretário-geral da Federação Angolana da modalidade, António Sofrimento, considera o montante suficiente para a realização do evento, de acordo com o caderno de encargos da FIBA/África. Será a terceira vez que Angola, detentora de oito títulos africanos, alberga a prova, alargada às cidades do Lubango, Benguela, Cabinda e Huambo.



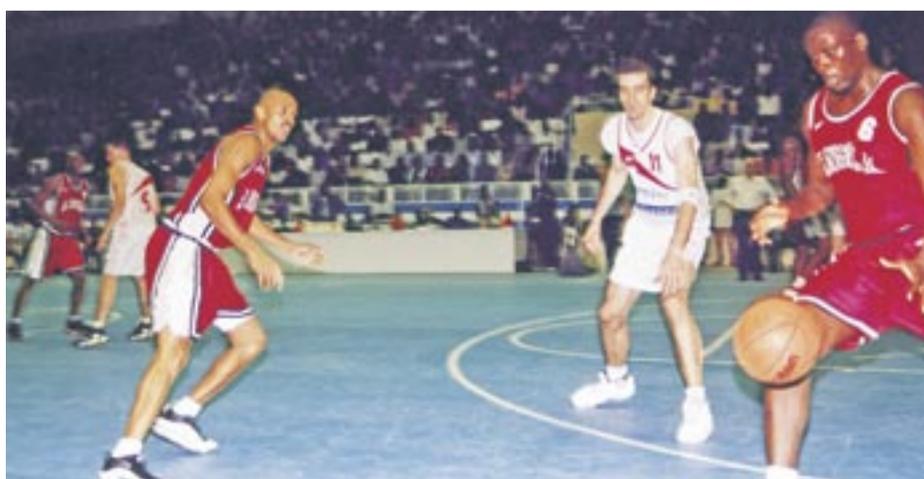
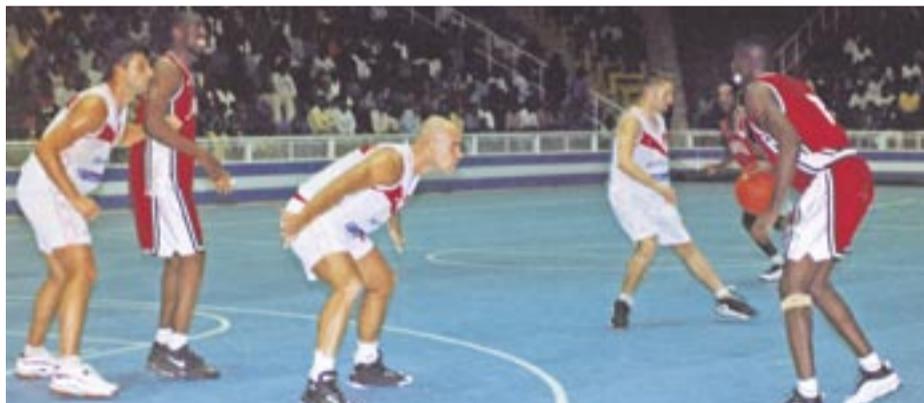
Em Luanda já se respira o "Afrobasket-2007" com tudo a postos para o arranque do campeonato que terá um custo de vinte milhões de dólares, incluindo a preparação da selecção nacional angolana. No programa estão as melhorias das instalações, como dos pavilhões que acolherão as provas, transportes, sistemas de comunicações e serviços.

As obras de remodelação do Pavilhão da Cidadela Desportiva, certame da final da XXIV edição do "Afrobasket-2007", estão

avaliadas em quinhentos mil dólares, segundo Tony Sofrimento.

A selecção, que entrará no campeonato na mira de ganhar mais um título, desta vez não contará com o jogador Ângelo Victoriano, o único até agora a estar presente nos oito títulos de Angola.

O seleccionador nacional Ginguba convocou para a sua lista Miguel Lutonda, Armando Costa, Carlos Almeida, Olímpio Cipriano, Abdel Boukar, Kikas Gomes, Maizer Alexan-



dre (1º de Agosto), Carlos Morais, Milton Barros, Victor de Carvalho e Eduardo Mingas (Petro de Luanda), assim como Divaldo Bungo e Emanuel Neto, que actuam nos Estados Unidos.



Dos jogadores que integrarão a selecção que vai defender as cores do país no Afrobasket, Jogos Pan-Africanos e Taça Borislav Stankovic - os três grandes compromissos desportivos de Angola em 2007, constam ainda os nomes dos basquetebolistas Veldécio Coimbra, Luís Costa (Petro de Luanda), José Nascimento, Francisco Horácio (Inter de Luanda), Felizardo Ambrósio e Victor Muza-di (1º de Agosto).

No sorteio do Afrobasket deste ano, realizado a 20 de Abril último, em Talatona, arredores de Luanda, Angola ficou colocada no grupo um, com as representações de Cabo Verde, Marrocos e Ruanda, primeiro adversário de Angola.

A discussão pelo título africano terá o seu epílogo em quatro províncias angolanas durante o mês de Agosto

MWANGOLÉ

Bem-vindos à



Fotos: Manuel Pessôa-Lopes



Grupo "Sons do Tejo" em acção

A abertura da Casa em Lisboa, permitiu estabelecer pontes para a criação de um espaço mais amplo, dedicado às culturas dos países que falam a língua portuguesa. Projecta-se já, a abertura de uma galeria, para exposições de artes plásticas a partir de Setembro.

Na inauguração estiveram presentes representantes de instituições universitárias de Portugal, Brasil e África lusófona, bem como representantes de Câmaras Municipais de Cabo Verde, Brasil e Portugal.



Mesa de abertura da primeira Casa da Lusofonia

O encontro da cultura em desenvolvimento

Casa da Lusofonia inaugurada em Lisboa

A Casa da Lusofonia faz parte de um projecto cuidadosamente elaborado ao longo de meses e apresentado em Bissau no decurso da Cimeira Cultural da CPLP. A primeira Casa da Lusofonia em Lisboa foi inaugurada a 12 de Maio, tendo sido mais de duas centenas de convivas presentes na hora do jantar com gastronomia variada dos países da CPLP e a intervenção musical do grupo "Sons do Tejo", artistas de várias origens dos palop.

A casa, que será um espaço-centro de encontros culturais na área lusófona, está situada em pleno centro da capital portuguesa, numa parte do "histórico" Liceu Camões, instituição com projecção na cultura portuguesa.

A Casa da Lusofonia de Lisboa é uma parceria que envolve a ONG Etnia, a Junta



Durante a inauguração foram chegando os convidados à sala principal

Freguesia de São Jorge de Arroios e o Liceu Camões. Numa primeira fase a Casa funciona na parte do actual Auditório Camões. Cidadãos dos países africanos de expressão portuguesa e do Brasil estão empenhados no processo de criação de outras "Casas da Lusofonia".

O embaixador Luís Fonseca, secretário-executivo da CPLP, expressou o apoio total desta instituição ao projecto das Casas da Lusofonia: «A CPLP está de corpo inteiro com este projecto, que também, não quero deixar de pessoalmente subscrever», afirmou o embaixador.

Paulo Miguez, professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia anunciou a abertura neste estado, em Cachoeiras, de outra Casa da Lusofonia. Marcos Barreto, gerente de Cultura da empresa Telemig Celular (Brasil), manifestou total apoio ao que prevê venha a ser uma significativa plataforma de convergência da actividade cultural em diferentes países lusófonos.

Não menos significativas foram as presenças do embaixador Lauro Moreira, chefe da Missão do Brasil junto da CPLP, representantes das Embaixadas de Moçambique, Angola e Cabo Verde, do presidente do Centro Cultural da Malaposta, do Alto Comissariado para Imigração e Minorias Étnicas (ACIME), do Centro Jacques Delors, e de diversas associações ligadas às comunidades lusófonas em Portugal, bem como figuras da intelectualidade da diáspora destes países.

Este projecto, no âmbito da Comunidade de Países da Língua Portuguesa, terá continuidade em África e no Brasil, onde diligências estão a ser feitas para, a curto prazo, surgirem instalações similares. **MWANGOLÉ**

Programa nacional de gestão ambiental

Fotos: RICMIDIA

O Ministério do Urbanismo e Ambiente está a elaborar um programa nacional de gestão ambiental que definirá as prioridades para a protecção da biodiversidade. A decisão foi tomada durante a celebração do Dia Mundial do Ambiente, que este ano reflectiu sobre os efeitos das alterações climáticas que ocorrem nas zonas polares.

Na abertura do Conselho Consultivo do Ministério, o ministro do Urbanismo e Ambiente, Diekumpuna Sita José, disse que o programa apontará soluções para o desenvolvimento sustentável e superação dos desafios ambientais que se colocam ao país.



O ministro afirmou que o documento será submetido, muito brevemente, ao Conselho de Ministros para aprovação. O ministério pretende com este plano, desenvolver as mais diversas sinergias com os departamentos governamentais e associações de defesa do ambiente.

Além do programa, Sita José anunciou que se está a trabalhar na elaboração da estratégia para a implementação do protocolo de Kyoto, assim como da Convenção no Quadro das Nações Unidas sobre as Alterações Climáticas.

No entender do ministro, para fazer face ao fenómeno do crescimento descontrolado das cidades angolanas, o seu ministério deve actuar no apuramento da relação entre o planeamento urbanístico e a promoção imobiliária. Deve ainda constituir um sistema financeiro e fiscal inovador, orientado para a facilitação de acesso ao regime de crédito bonificado para os potenciais beneficiários de habitações de custos

controlados. Para a urbanização das cidades, o Ministério do Ambiente prevê incentivar os investimentos públicos e privados na produção dos materiais de construção e encorajar o sector privado na promoção de habitações de custos controlados.



Frisou, que a curto prazo, o ministério desenvolverá, em parceria com os governos provinciais, o plano operativo da estratégia global de urbanização das reservas fundiárias municipais e de regularização fundiária para os ocupantes das áreas peri-urbanas. Este plano, segundo afirmou, será implementado mediante requisitos urbanísticos apropriados como forma de consolidação dos direitos patrimoniais e de valorização económica dos mesmos.

Em relação ao Conselho Consultivo, salientou a necessidade de se apreciar de forma aberta as propostas básicas para a reorientação da estra-

tégia do Ministério do Urbanismo e Ambiente (MINUA) face às novas oportunidades criadas com a redefinição das leis ambientais. Foi pedido aos participantes, que na abordagem dos temas, tenham como fim principal a identificação de soluções práticas que ofereçam maiores probabilidades de contribuir para a melhoria da qualidade de vida do povo angolano e para o alcance do desenvolvimento sustentável.

O conselho sob o lema "O papel do urbanismo, ordenamento do território, habitação e ambiente no desenvolvimento sustentável de Angola", foi dividido em quatro painéis e reuniu técnicos do MINUA a nível de todas as províncias, dos institutos de Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, assim como o Instituto Geográfico e Cadasstral de Angola. **MWANGOLÉ**

